

Herlânio Caetano



CEREBRO MALVADO



Copyright © by Herlânio Caetano - @herlaniocaetano

Capa e Ilustração: Filipe Moreira - @f1designer

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

À minha família, em especial minha mãe, meu pai e minha irmã que me apoiaram tanto nesta longa jornada!

Capítulo 1

Eu estava em uma bela praia, sentia a brisa leve passar em meu rosto, sentia cada sopro que o vento dava. Era uma sensação maravilhosa. Meus pés estavam enterrados na areia, e aos poucos eu ia afundando mais com o passar das ondas. Eu estava leve, sereno! A água do mar estava em uma temperatura ideal, e mesmo com o sol forte, o vento me dava o frescor necessário. Passava um momento de olhos fechados e outro com os olhos abertos. E quando os abria, era 'invadido' pela cor azul da água.

Depois de um longo momento, escutei uma voz me chamando ao longe. Virei lentamente na esperança de curtir mais um pouco aquele silêncio. Foi quando a avistei vindo em minha direção com o braço levantado querendo chamar minha atenção. Ana estava linda como sempre, com apenas um biquíni e uma tanga enrolada na cintura, ela me chamava. Ana estava dizendo algo inaudível. Eu apenas sorria em resposta aos seus chamados.

XXXXXXXXXX

Acordei de repente escutando o alarme tocar me trazendo para a realidade. E me decepcionei quando percebi que Ana e o mar eram apenas um sonho.

Peguei meu celular que estava gritando, havia dez minutos passados quando vi a hora na tela do aparelho. "Vamos lá, Caio. Vamos dar início a mais um dia de vida medíocre!", e esse era meu pensamento todo dia pela manhã.

Comecei a me vestir adequadamente para a sociedade bem devagar. Eu não estava apressado a encarar as pessoas, a rotina, as obrigações, as responsabilidades... Grande coisa! Que vida patética essa minha.

A minha única animação até o momento era de ficar recordando do lindo sonho na praia. Ana, como quase que em todos os sonhos, era bastante atenciosa, sorridente. Assim como sempre a imaginei em nossas rotinas... Uma mulher esplêndida que conheci no meu trabalho há alguns anos e desde então me sinto inteiramente e perdidamente apaixonado. Parece até outra história falando assim, mas o amor é real. Ana havia me conquistado com seu jeito de ser. Mulher forte, autêntica. Mas minha insegurança nunca me deixou ir e falar com ela. A minha baixa autoestima impedia de dar início a algo mais a fundo na relação. E sempre que nos cruzávamos em meio a conversas e/ou reuniões, eram assuntos superficiais, banais, corriqueiros. Nada a acrescentar.

Fui ao banheiro sonolento ainda. Olhei no espelho e fiquei por alguns segundos me encarando. Nesse momento, eu desejei com todas as minhas forças que algo surpreendente acontecesse. Era muita monotonia pra uma vida só. Eu estava à beira do abismo. Aí me lembrei de quando eu comecei a pesquisar algumas coisas na internet. Tipos de terapias, vídeos e filmes motivacionais, até pra yoga eu recorri. E nada! Nada me atraía como válvula de escape. Será que o problema realmente estaria em mim ou nesse mundo caótico?

Como um *flash*, voltei ao mundo real, e fui até a cozinha tomar alguma coisa.

— Apenas umas bolachas e leite. — disse a mim mesmo quando deparei nos meus suprimentos.

Se minha mãe me visse agora, ela iria começar com tantos sermões de como deixo meu apartamento largado. E realmente, sempre ficava largado mesmo. Comecei a observar todas às ‘coisas erradas’ que estavam presentes. Na pequena sala do meu apartamento, apenas um sofá e uma poltrona. A poltrona virou meu ‘guarda-roupa’. Uma pilha enorme de roupas jogadas em cima do objeto, não tinha a menor chance de alguém querer sentar. Percebi que a toalha estava em cima do sofá, e com essa imagem da toalha, era certeza que minha mãe iria me dar uns puxões nas orelhas. No fundo, eu sei que ela sempre esteve certa em quase todas as situações, mas a preguiça é maior do que me desafiar a deixar o apartamento apresentável.

“*Din-Don*”

Assustei com o toque da campainha. Quem poderia vir ao meu apartamento essa hora da manhã? Meu Deus! E tudo estava a maior bagunça. Eu não costumo receber ninguém aqui, por isso não me preocupo com a arrumação.

Depressa, me virei e fui até a porta. Olhei pelo olho mágico e vi a cara sorridente de João. Eu já quis me zangar só em ver a cara sorridente. Afinal, quem acorda sorridente em plena manhã de segunda-feira?

— Anda logo José! — disse João pelo outro lado da porta. Ele sabe muito bem que odeio que me chame por José. E o odiava ainda mais pelo seu bom humor matinal. Queria apagar da história o dia que João descobriu meu segundo nome.

— O que aconteceu? Teu *apê* tá pegando fogo? — resmunguei assim que abri a porta lentamente. Ele avançou para entrar no apartamento, mas o impedi na mesma hora. — Vamos tomar café na rua? — e já tranquei a porta pra não ter nenhuma dúvida de que não queria ninguém ali dentro. Ainda bem que eu já estava pronto pra sair e reparei que o João também já estava.

— Demorô!

Eu e João descemos no elevador. João era um cara alegre, e isso me irritava noventa por cento das vezes. Mas no fundo, ele era um bom amigo. Compreensão é o sobrenome dele, confesso! Desde que ele soube que tinha um apartamento vago no meu prédio, ele não pensou duas vezes e se mudou, e agora eu tenho esse carma que mora dois andares acima do meu. O conheci através do trabalho, um cara um pouco mais baixo do que eu, apesar de eu medir 1,89, e ele deve ter 1,83 ou 1,84. Reparei que ele andava com a sua mochila tiracolo preferida. Uma velha mochila de cor marrom que já mostrava marcas de uso. João dizia que era mochila da sorte. Deve ter visto algo do tipo em um filme ou em um desenho e sempre gostava de repetir quando o assunto acabava nessa mochila.

João foi logo me falando das coisas que fez durante o fim de semana, me contou que foi no interior visitar alguns parentes. Eu ainda acompanhei até o momento que ele disse que reviu uma prima distante que queria vir à cidade grande. Eu sei que não sou um bom amigo para ele. Mas quem se importa? Será que ele percebe que me perco em pensamentos enquanto ele fala coisas de sua vida para mim? Espero que nunca perceba porque enquanto eu estou pensando sobre isso, ele fica tagarelando como se tivéssemos passado anos sem se ver. Ao mesmo tempo em que ele me deixa zangado com seu humor, tenho uma inveja de não conseguir ser da mesma forma. Talvez eu precise de terapia.

— ... E então eu disse que seria ótimo ela vim aqui e poderia passar uns dias no meu apê! — terminou João.

Neste momento, já havíamos saído do prédio e estávamos caminhando pela calçada movimentada. Todo dia era essa loucura pela cidade, milhares de pessoas andando, umas se esbarrando nas outras. Nessa hora, agradecia por ter o privilégio de morar perto do trabalho, pois em alguns metros chegaríamos ao prédio onde trabalhava.

Ao longo do percurso, João parecia incomodado com o meu silêncio, percebi que ele ficava por várias vezes consultando o relógio. Só aí que percebi também que ele estava tenso, nervoso.

— Porque você está tenso? — arrisquei em perguntar esperando um discurso como resposta.

— Ué! Eu te falei que a Paula vem pra cá hoje! — disse João totalmente surpreso.

— Ah sim, a Paula?

— Sim Caio. Minha prima do interior. Ela chega hoje e vai passar uns dias no meu apê! Poxa! Acabei de falar enquanto descíamos pra rua.

— Sim! Sim! Eu ouvi tudo. — menti.

Eu e João chegamos à lanchonete do Seu Evaristo. A lanchonete era pequena em largura, mas grande em comprimento. Várias pessoas já estavam sentadas ao balcão tomando seu café e comendo seu pão quente na chapa. Seu Evaristo como sempre estava servindo a todos enquanto seu filho estava sentado ao caixa dando um troco a uma senhora.

Eu gostava de Seu Evaristo. Desde que me mudei pra cá, ele sempre teve essa lanchonete. Segundo ele, o empreendimento era uma herança de família que foi passando de geração a geração. Só não lembro quem da família começou o negócio, talvez a origem seja do bisavô ou tataravô dele.

Cheguei ao balcão e me sentei em um dos bancos acompanhado de João. Olhei em volta todo o *layout* da lanchonete. Realmente tinha cara de ser bem antiga, mas isso era o que me fascinava naquele ambiente. E o dono não se importava muito em mudar alguma coisa dali.

Acenei para Seu Evaristo e lá vinha ele segurando um bule com um pano no ombro direito. Quando ele se aproximou, pude notar seu cansaço.

— Dia Caio! — cumprimentou-me com sua voz grossa.

— Bom dia Seu Evaristo. Vou querer o de sempre, por favor. — já fiz questão de pedir logo o que eu queria.

— O que você sempre pede aqui? — quis saber João. — Sou novo aqui então talvez o que você coma eu também irei comer.

— Eu peço apenas um café puro na maioria das vezes. Tem dias que eu peço um pão quente na chapa. Nada demais.

— Deve fazer bastante tempo que você frequenta este lugar, não é? — perguntou João novamente.

— Já faz uns anos. — respondeu Seu Evaristo com uma xícara de café em mãos para me trazer.

— Caramba! Eu vou querer um também. — disse João olhando pra xícara.

— Liga não, Seu Evaristo! O João é novo por aqui e agora vai morar no mesmo prédio que o meu.

Seu Evaristo cumprimentou João e deu as boas vindas. Olhei para o relógio acima da porta que leva para a cozinha da lanchonete e percebi que ainda tinha uns minutos até ir

para o trabalho. João entrou numa conversa empolgada com Seu Evaristo. O velho dono da lanchonete começou a contar que já recebera grandes propostas para se mudar dali. Ele ouvira dizer que caso saísse, sua lanchonete daria lugar a mais um prédio da cidade ou algo do tipo.

— ... E não saio mesmo desse lugar! — terminou Seu Evaristo com entusiasmo para João. — Aqui é meu lugar, minha família deixou esse lugar para mim.

— E está mais que certo, Seu Evaristo. — disse João empolgado. — O papo está bom, mas agora temos que ir trabalhar. O café estava ótimo, pode ter certeza que ganhou mais um freguês. — terminou João deixando Seu Evaristo empolgado.

— Será sempre bem vindo João! Até mais ver. — disse levantando a mão esquerda enquanto já saímos andando da lanchonete.

Peguei a nota de João e entreguei ao filho de Seu Evaristo junto com a minha.

XXXXXXXXXXXXX

— Oi.

— Oi João. O que você quer? — perguntei entediado.

— Cara! Que cara é essa? — perguntou João.

— Não é nada não. — menti para meu amigo. — Estava apenas concentrado em uns relatórios que recebi aqui. — expliquei apontando para minha mesa de trabalho.

— Ah sim. — João se conformou. — Eu estava pensando da gente fazer algo mais tarde. A minha prima vai chegar e estava a fim de mostrar alguma coisa da cidade pra ela, que acha? — perguntou João animado.

— Na verdade, eu estava pensando em ficar até mais tarde hoje pra botar umas coisas em dia. — menti. Eu não tinha nenhum trabalho a ser feito. Eu estava mesmo exausto e essa empolgação de João não estava ajudando.

— Sério? O chefe disse que você deveria ficar? — João ficou encostado à minha mesa enquanto conversávamos.

— Disse sim. E eu topei porque preciso de umas horas extras. — menti mais uma vez.

— Tudo bem então. — disse João estranho com meu argumento. — Eu ainda vou confirmar que horas Paula chega. — disse João. Reparei que o deixei triste com esse balde de água fria que joguei. Mas era necessário, eu queria ficar quieto pelo resto do dia, mas já ciente de que teria um desafio mais tarde, sair no mesmo horário que todos sem João notar.

Depois que passou algumas horas, minha ansiedade estava bastante alta, notei que minhas mãos estavam começando a ficar suadas, o coração batia mais acelerado. O melhor horário do dia estava chegando. Levantei da cadeira e fui em direção à copa da empresa. Não era muito longe, mas o caminho às vezes era árduo. Passei pela entrada da sala de recursos humanos e avistei meu chefe conversando com a coordenadora do setor. Pelas expressões, o papo não era muito agradável.

Continuei minha caminhada até a copa como se tivesse andando pelas nuvens, mal sentia o toque do meu pé no chão. Quando cheguei à copa, para meu alívio, lá estava ela. A dona do meu coração. A mulher que por várias noites aparecia em meus sonhos: Ana.

Ana estava bonita como sempre. Em um longo vestido com alguns símbolos que não entendia muito bem. Ela estava sorridente, e isso a deixava mais linda ainda. Percebi que Ana estava conversando alegremente com sua melhor amiga, a Larissa. Fiquei por uns segundos, admirando sua beleza, eu conseguia notar cada balanço que Ana dava em seu cabelo preto. Era reconfortante ficar olhando para Ana. Eu ficaria ali por horas sem dúvida alguma.

— Oi Ana. Tudo bem? — uma voz masculina falou por trás de mim, reconheci a voz alegre de João.

— Oi João. Eu vou bem e você? Oi Caio! Tudo bem? — a linda voz de Ana entrou em meus ouvidos como uma canção.

— Eu vou muito bem. Ainda tem café? — perguntou João olhando pra Ana e Larissa.

— Pior que não! — respondeu Ana. — Mas se você não estiver apressado, posso passar um rapidinho. — respondeu Ana novamente com aquele sorriso.

Por um breve momento me perdi no sonho que tive de manhã cedo. A praia, a brisa em meu rosto, a silhueta distante de Ana acenando para mim...

— ... Também? — escutei somente o fim da pergunta.

— Se preocupa não Ana. O Caio é assim mesmo. — disse João humorado.

— Desculpe. — falei com firmeza. — Eu estava pensando em outra coisa. Eu vou bem sim. Você me perguntou algo?

— Sim, eu perguntei se você queria café. — disse Ana.

— Ah, claro! — me zanguei porque sabia que minha insegurança era visível pra todos. Tive a impressão que Larissa me olhou dos pés a cabeça.

— Ótimo. Vou fazer pra todos. Afinal, sempre vem alguém aqui e pega um pouco. Vou fazer esse favor pra Dona Henriqueta. — disse Ana já com Larissa auxiliando.

Enquanto as duas estavam mais ao canto da copa preparando o café e cochichando, eu puxei João pelo braço pro outro lado do cômodo.

— Eu não sabia que você era amigo da Ana. — falei.

— A Ana ali? — João perguntou apontando pra ela. — Conheço a um bom tempo, gente boa! — disse João calmamente.

— Um bom tempo? E nunca me contou?

— Pode ter certeza que devo ter te contado... — João parou de falar tentando lembrar em qual ocasião, esse fato aconteceu.

— Não. Você não me contou. — falei com bastante convicção. Era certeza que eu saberia qualquer coisa relacionado a Ana.

— Mas o que tem a Ana?

— Nada não. — menti. Não tinha coragem alguma de falar de meus sentimentos para o João, ainda mais ali com Ana e a amiga poucos metros de distância. — Acho que me surpreendi, apenas. — tentei finalizar nossa conversa.

— Hum! Cara, Paula me ligou e não vem hoje, só amanhã, acho que teve algo a ver com passagem, sei lá! Só sei que ela vem amanhã, que tal botar aquela ideia de sair e mostrar alguma coisa pra ela em prática amanhã? Porque hoje não saio mais de casa, vou botar uns episódios da minha série em dia...

— Vamos ver. — disse sem pensar já saindo da copa.

Eu saí sem me despedir de ninguém, andei rápido até a minha mesa de trabalho, estava bastante ofegante. Como pode uma pessoa sentir algo tão forte como eu sentia por Ana? Eu estava tonto. Eu conhecia Ana desde quando entrei aqui na empresa. Sempre conversamos pelos corredores, mas nada em especial. Falamos sobre como a vida anda rápido, sobre o tempo, sobre projetos da empresa, mas nunca conversamos sobre algo pessoal e isso me martirizava. Como eu poderia chegar a Ana e conversar normalmente e ter algum laço afetivo com ela? Eu sou muito inseguro nessa questão de relacionamentos.

A minha única certeza era meu amor por ela. E gostaria muito que existisse reciprocidade. Mas como eu iria ganhar esse sentimento de volta?

Sentei na cadeira com velocidade atordoado com meus pensamentos vorazes. Fiquei perdido olhando fixamente pra tela do meu computador. Depois de tanto processar o que acabara de acontecer comigo, notei que fui extremamente insensível em sair de lá sem falar com ninguém. Poxa! A Ana estava preparando café pra mim, quem sabe eu poderia ter dado início a uma relação amigável tomando café na empresa que trabalhamos juntos a um bom tempo. E sair de conversas rasas que já tivemos por vezes.

Que droga! Perdi uma baita oportunidade! E agora quando apareceria outra como essa?

XXXXXXXXXX

Já era noite quando olhei pela janela, rapidamente olhei para o relógio, se aproximava das sete. Arrumei alguns papeis que estavam soltos na mesa, organizei-os por ordem de prioridade para que no dia seguinte, resolvesse. Não estava apressado, e quando terminei de organizar tudo, olhei para os lados e percebi que não havia mais ninguém nas outras mesas. Eu estava sozinho.

Quando desliguei meu computador, peguei meu celular e carteira, escutei alguém chegando dando pequenos passos.

— Oi Caio. — aquela voz era reconhecível demais para mim.

— Oi Ana. — falei com entusiasmo.

— Então quer dizer que você não gosta de café?

— Gosto sim, e muito. Porque a pergunta?

— Ah, é que quando eu terminei o café, você não estava mais lá. Em compensação, João tomou quase tudo.

— Desculpe, eu tinha que retornar logo. — soltei um sorriso tímido.

— Eu já estava indo e vi você sozinho aqui. Você vai embora agora também? — quis saber Ana.

— Ah sim. Acabei de encerrar minhas coisas, desliguei tudo... Você fica com frequência até mais tarde? — comecei a minha investigação.

— Não. Eu fiquei apenas hoje porque tive que ir ao RH. — disse Ana passando a mão em algumas notas em cima da minha mesa.

— RH? — perguntei olhando atentamente o que Ana estava fazendo.

— É. Fui conversar com a Olívia, a coordenadora. — Ana parou de mexer nas notas e levou as mãos até o coração. — Eu acho que estou prestes a sair da empresa.

Por um momento, perdi o chão que sustentava em pé. Ana sair da empresa significa que não iria mais vê-la pessoalmente quase todos os dias.

— Você vai sair daqui? Por quê? Arrumou algo melhor? — tentei perguntar da forma mais natural possível, mas eu estava um turbilhão de sentimentos.

— Vamos dizer que estou em busca de algo novo. Eu não tenho do que reclamar daqui, não mesmo. Esse lugar me acolheu no momento que mais precisei. Isso é fato! Mas, quero me aventurar. Tenho uns contatos e quero ir para uma agência de modelos. — não pude deixar de notar que quando Ana falou de agência de modelos, vi que ela se encaixava perfeitamente ao perfil. — Claro que no início, será um trabalho padrão, vou ficar no marketing da agência assim como eu fico no marketing aqui. Mas quero alcançar novos trabalhos. O *'booker'* da agência disse que eu levo jeito. Que eu tenho todos os trejeitos para fazer alguns tipos de campanha, catálogos... Então eu pensei: "Ah, porque não ir fundo nisso?". Gostei da ideia de fazer novos trabalhos e estou querendo ir...

— Nossa! É uma vida nova praticamente. Precisa de muita coragem...

— Posso dizer que estou indo atrás de um velho sonho que havia guardado dentro de mim há um bom tempo. E você? Está correndo atrás do seu? — apenas sorri em resposta. Mas minha vontade era de dizer que estava correndo atrás de meu sonho. Queria dizer a Ana que estava naquele exato momento, correndo atrás de ter o seu amor. Tentando cativá-la de alguma forma. — Vamos sair daqui? — propôs Ana ao ver que não iria falar mais nada.

— Claro! Claro! — disse já me levantando.

Seguimos pelo corredor até chegar ao elevador. Apertei o botão para descer e ficamos alguns minutos esperando o elevador subir.

— Há quanto tempo você está aqui mesmo? — perguntei a Ana.

— Uns três anos eu acho. — Ana respondeu pensativa. — E você?

— Estou há cinco anos. Engraçado é que esse tempo todo, essa correria toda, a gente nunca ficou até mais tarde junto e conversando algo sem ser da empresa não é? — fiz essa constatação.

— É verdade. Muitos trabalhos... Muitas pessoas... Muitas coisas...

Entramos no elevador e o silêncio prosseguiu. Foi-se criando uma barreira enorme entre nós e comecei a pensar loucamente em algum assunto pra puxar. E vieram tantos que acabei não falando nada. Droga! O elevador parou e ali vi minha outra oportunidade no mesmo dia indo embora. Ao abrir a porta, Ana saiu do elevador e foi atravessando o saguão indo em direção à porta de saída e eu mais atrás acompanhando.

Já estava me zangando quando escutei que o celular dela tocou na bolsa. Fiquei tão impressionado com ela que só naquele momento, reparei que Ana andava com duas bolsas abaixo do braço direito. Ana parou de andar e começou a procurar pelo celular na bolsa menor.

— Quer ajuda? — disse para puxar assunto.

— Obrigada, mas não precisa. Já o encontrei. — disse com o celular na mão, rapidamente vi que era Larissa ligando. — Oi Larissa. — ela parou um pouco pra ouvir o que a amiga dizia na linha. — Sério? E agora? Como vou fazer? — pela pergunta que Ana fez ao telefone, percebi seu rosto ficando assustado com alguma coisa que acabara de acontecer. — Caramba!... Tudo bem amiga, imprevistos acontecem... Eu vou me virar aqui, pedir um táxi ou pedir um pelo aplicativo, não se preocupa comigo não. Tchau. Beijo. — desligou o telefone.

Ana andou até o sofá da recepção e sentou. Eu não pude deixar de notar que ela estava um pouco cansada com alguma coisa. Fui até ela e sentei ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa? Posso te ajudar em algo?

— Nada não. Era que a Larissa iria comigo num local e agora terei que ir sozinha. Mas tudo bem, eu me viro. — Ana estava decidida.

— Calma. Você não precisa ir só. Eu posso te acompanhar. — me prontifiquei em ajudar sem ao menos saber do que se tratava. Para mim, o que me importava no momento era ficar com Ana e ajuda-la no que fosse preciso. Enfim, a oportunidade havia chegado.

— Não precisa se preocupar comigo Caio. Está tudo bem. — disse Ana mais uma vez sorrindo para mim.

— Não recuse minha ajuda, vai! — tentei animá-la. — Vamos nessa, eu moro aqui pertinho, pego meu carro e venho te buscar aqui. Deixa eu te ajudar, afinal tanto tempo

trabalhando junto, se encontrando em reuniões, acho que posso oferecer uma carona pra você.

— SÉrio? Calma! — ela respirou fundo. — Nossa! Seria uma bela ajuda. — disse passando uma mecha de cabelo por trás do ouvido. — Eu tenho uns tecidos e preciso levar em um ateliê, mas o endereço é um pouco longe daqui. Só um minuto! — disse já mexendo na bolsa novamente. Reparei que a bolsa maior que Ana carregava, estava repleta de tipos de tecidos — Aqui. — Ana me mostrou um pequeno cartão de um ateliê onde constava o número de telefone, e-mail e o endereço. Realmente ficava um pouco distante.

— Conheço. — menti. Na verdade, não sabia que ateliê era aquele, mas não queria perder essa oportunidade.

— E você faria isso por mim? — Ana perguntou agarrada a suas bolsas com força lançando um olhar mais sensível.

— Claro. Não tenho mais nada a fazer mesmo, você fica aqui na recepção do prédio, enquanto vou ao meu prédio pegar o carro. — me senti bem em arranjar esse plano de última hora.

— Ai! Não sei como te agradecer. — disse Ana me dando um pequeno abraço.

— Mas pela hora, o ateliê vai estar aberto? — tive receio dela perceber a hora e todo meu belo plano ir por água abaixo.

— Sim, a dona do ateliê está me esperando para ver esses tecidos. Nossa! Você está me ajudando muito! — disse Ana alegre.

Falei para Ana me aguardar enquanto eu iria buscar meu carro no prédio. Nunca fiz aquele trajeto do meu trabalho para casa tão rapidamente como naquela noite. Parecia que tudo estava dando certo, tudo estava se encaixando. Eu realmente parecia estar nas nuvens. E que se isso fosse um sonho, que eu nunca mais acordasse.

Rapidamente entrei no saguão do meu prédio, fui até o apartamento, peguei a chave e voltei descendo pelo elevador até a garagem. Acenei para o guarda quando avistei o meu carro estacionado. Quando eu apertei no botão para desativar o alarme do veículo, fiz um movimento automático para a vaga onde João deixava o carro dele. O fato curioso era que o local estava literalmente vago. João não estava em casa, pelo que percebi. Mas quem daria atenção ao João tendo o amor de sua vida te esperando para resolver aquela situação de emergência? Logo me esqueci de João.

Quis me zangar na saída da garagem do prédio porque peguei um pequeno trânsito. Quando botei a mão dentro do bolso da calça, senti o cartão do ateliê que ela me dera para conferência do endereço.

Passado uns minutos, cheguei a frente à entrada do prédio e buzinei na tentativa de Ana me avistar. E funcionou! Ana veio logo correndo já entendendo que não poderia ficar parado ali muito tempo, sem levar alguma multa.

— Nossa! Muito obrigada mesmo por essa força Caio. — disse Ana assim que entrou e colocou o cinto. — Posso colocar minhas coisas no banco de trás?

— Sim, sim! — respondi.

— Esse ateliê já faz parte de uma campanha publicitária da agência. Espero muito pegar esse emprego, de verdade. — disse Ana entusiasmada. Não conseguia esconder meu descontentamento ao lembrar que ela gostaria de sair da empresa que eu estava.

— Então parece que vai dar certo você ir para a agência? Porque já está até fazendo trabalhos...

— Digamos que seja uma permuta. — e riu por fim. — Na verdade, vou levar esses materiais para a Laura, dona do ateliê. Vou mostrar nossos tecidos da tecelagem e ela gostando dos tecidos que eu sei que ela vai adorar, ainda farei uma ponte entre o ateliê com a agência onde quero trabalhar para um desfile ou alguma campanha dos desenhos dela com o nosso tecido na prática. Gostou? — e riu por fim.

— Caramba! Em um movimento só você quer gerar lucros para a empresa onde trabalhamos e para seu possível novo emprego? Isso é genial! — realmente estava espantado com tanta eficiência e eficácia.

Paramos em um semáforo e Ana me contou mais alguns detalhes sobre o mundo da moda, das vantagens e etc. Me contou que sua carreira iria crescer bastante com todo esse movimento. Ela entusiasmou-se ao relatar dos diversos tipos de trabalhos que poderia fazer dentro de uma agência de modelos.

Depois que conversamos coisas banais como o tempo, trabalhos, correria. Chegou mais uma vez, aquela velha e conhecida barreira. Eu ficava meio perdido quando isso acontecia porque eu queria conversar mostrando a Ana que poderia ser uma pessoa com quem pode se ter uma troca verdadeira de ideias, pensamentos e posicionamentos. Mas algo me impedia, e não sei dizer se era minha insegurança por estar ao lado dela. Ou se era o medo de perdê-la para o novo trabalho.

Veio em minha mente perguntar sobre vida amorosa, íntima, mas logo me certifiquei que era cedo demais para perguntar sobre isso logo na primeira oportunidade juntos. Busquei em minha memória se algum dia Ana chegou acompanhada com alguém na empresa, e me tranquilizei por lembrar que sempre chegou sozinha. Isso era um sinal de que ela estivesse solteira, eu acho.

— Posso por um som? — Ana perguntou rompendo a barreira imaginária e me tirando dos pensamentos.

— Vou ligar aqui para você. — liguei na rádio e no momento estava passando músicas internacionais estilo anos 70 ou 80. Nunca fui bom com músicas. Mas o importante é que Ana gostou. A ponto de fazê-la cantarolar junto com o cantor. Ela sabia mesmo aproveitar cada momento.

Andamos por várias ruas e avenidas. E depois de muitas entradas, curvas e músicas que Ana cantava junto, finalmente, chegamos ao ateliê.

O ateliê ficava em um centro empresarial com várias lojas e um grande estacionamento em frente. Paramos em uma vaga e Ana saiu apressada carregando suas duas bolsas. E como era gracioso vê-la mesmo nas atividades mais simples. Eu liguei o alarme do carro e a acompanhei até a loja. Havia uma vitrine enorme com três manequins vestindo longos vestidos de noiva. Não pude deixar de notar a beleza que ali existia.

— Oi Laura. Cheguei. — disse Ana mandando uma mensagem de áudio para a dona do ateliê. — Entra também. — disse já olhando para mim.

— Claro! Eu não vou embora agora. — disse sorridente.

Logo Laura veio abrir a porta da loja e nos deixou entrar. Laura era uma mulher mais madura, algumas expressões entregavam alguma certa experiência de vida. Mas mesmo assim, a elegância vinha em primeiro lugar. Uma mulher bonita.

— Oi Laura, boa noite. Como vai? — cumprimentou Ana. — Esse aqui é o Caio, ele veio me acompanhar nessa minha nova missão. — disse tocando em meu braço como um gesto carinhoso. Eu gostei do toque suave.

— Olá pessoas! Como vão? Prazer! — disse estendendo a mão para me cumprimentar.

— Prazer! — disse sem jeito. — Caio. — ri para Laura.

— Laura. — disse a dona do ateliê. — Vamos entrar, vamos entrar. Ai Ana, ainda bem que conseguiu chegar porque se não desse certo hoje, não sei quando daria, estou indo viajar amanhã e só retorno em alguns dias. Muita correria, muita coisa para fazer. — Laura começou a falar já andando pelo corredor e nós a seguindo.

— Num é? Ainda bem, eu viria com a Larissa, pra ela ver e dar uma opinião, você iria amar conhece-la. — disse Ana.

Nós três fomos até a sala de Laura, uma sala confortável até. De frente para a porta uma pequena mesa contendo um computador, e alguns papéis que de longe pude reconhecer que eram algumas notas fiscais e uns boletos bancários. Ao lado direito de quem entra na sala, existia uma enorme mesa. Pelo tamanho, deveria ser a mesa que Laura usava para olhar tecidos, cortes e etc. E foi onde Laura guiou Ana para poderem olhar o tecido mais apropriadamente.

Me sentei em uma poltrona que ficava ao lado esquerdo de quem entra na sala e reparei que em uma pequena mesa de centro havia algumas revistas e jornais. Uma revista me chamou atenção: de vestidos de noivas. Olhei para as duas e percebi que o papo sobre os tecidos fluía muito bem, realmente eu não era necessário naquela conversa.

Peguei a revista e comecei a folheá-la delicadamente. Olhando atentamente a cada modelo que apresentava um vestido mais lindo do que o outro. E rapidamente, como a minha mente gosta de trabalhar, eu imaginei Ana em todos os vestidos que via pela frente. Logo me perdi nos meus pensamentos olhando para um vestido específico. Imaginei Ana dentro do vestido e como ela iria ficar magnífica.

— Mas que modos esse meu! Caio, você quer uma água, ou um café? — disse Laura ao me ver sentado na poltrona com a revista na mão.

— Claro, pode ser. — respondi voltando a realidade.

Laura saiu da sala rapidamente e Ana veio ao meu encontro.

— Você está escolhendo algum tipo de vestido? — Ana estava mais curiosa.

— Não. Eu apenas peguei para olhar sem compromisso. Não penso em casar, não agora! — disse rindo para ela.

— Ah! Não agora? Então você tem alguém?

— Ah! Não! — respondi um pouco ruborizado. — Não tenho ninguém não!

— Aqui está! — disse Laura trazendo uma bandeja com algumas xícaras e uma bela garrafa de café. Ela apoiou a bandeja na mesa de centro e nos servimos. — Olha Ana. Eu devo dizer que amei a qualidade do tecido. De verdade.

— Sério?! — perguntou Ana empolgada.

— Mas é claro! Eu gostei e creio que as meninas vão gostar também.

— Bom, se quiser, pode ficar já com essas amostras. E já quero que você imagine como será as roupas nos modelos lá da agência. Eu vou agora mesmo mandar uma mensagem pra minha supervisora da tecelagem e dizer que você aprovou o projeto. E dizer a agência também. — disse Ana bastante alegre. Rapidamente, devolveu a xícara à mesa de centro e se levantou. Pegou o celular e mandou alguns áudios a quem devia. Eu realmente estava feliz por ela. — Laura! Vou rapidinho no banheiro. — disse por fim.

— Tudo bem querida! Já sabe onde fica. — E Ana saiu me deixando a sós com Laura.

— O café está muito bem, por sinal. — puxei assunto.

— Obrigada. — disse Laura e logo em seguida, tomou um gole do café. — Eu posso te perguntar uma coisa? — falou Laura deixando sua xícara na mesa de centro.

— Sim.

— Você está totalmente apaixonado por ela, não é? Dá pra ver em seu rosto. — disse Laura rindo ao fim da frase. Fui pego totalmente de surpresa com tal pergunta vindo dessa forma. E depois de tomar um gole do café, me endireitei na poltrona.

— Não. — menti. — Somos colegas de trabalho por alguns anos e vim fazer esse favor pra ela.

— Você não precisa mentir pra mim! Meu faro não me engana. Nunca enganou pra falar a verdade. — deu o último gole do café. — Conta pra ela. Não espera mais tempo. Conta! Você merece acalmar o coração e ela precisa conhecer alguém bacana. E gostei de você. Da sua energia. Você parece um rapaz de bom coração.

— Eu gostaria de saber onde a Senhora... — fui interrompido pelo braço de Laura indicando que não a chamasse de 'senhora'. —... Onde você tirou que eu estou gostando da Ana. — continuei minha mentira em busca de maior embasamento na minha resposta. Como Laura conseguiria saber se eu sentia algo por Ana?

— Tudo bem! Só estou te dando esse conselho, rapaz. Pelo que sei, ela vai sair da empresa, vai trabalhar na agência, talvez ela se mude mais pra perto do novo emprego. Vocês podem acabar diminuindo o contato drasticamente por conta de rotinas e etc. Pense nisso! — disse Laura por fim, eu apenas dei de ombros demonstrando que a nossa conversa estava por encerrada.

— Voltei. — anunciou Ana. — Já mandei as mensagens que devia e agora estou mais calma porque deu tudo certo. — disse Ana empolgada.

— Se você não tem mais nada a ser resolvido, podemos ir então? — eu disse a Ana. — Eu te dou uma carona de volta pra casa.

— Que bom que você já tenha uma carona garantida querida. — disse Laura.

— Eu vou aceitar porque moro do outro lado da cidade. — disse rindo.

Rapidamente, Ana recolheu suas coisas e nos despedimos de Laura.

— Agora é a hora. — disse Laura no meu ouvido baixinho quando nos cumprimentamos. Apenas sorri por educação.

Rapidamente, estávamos no estacionamento do centro empresarial novamente. Percebi que havia um belo restaurante na esquina.

— Nossa. Bateu uma fome! Vamos jantar ali? — propus a Ana. Ela estava tão feliz que as coisas deram certo que na mesma hora, ela topou.

Fomos até a entrada do restaurante. Era pequeno, porém bem aconchegante. Um belo restaurante italiano. O garçom nos guiou até uma mesa e nos serviu um cardápio diverso de massas.

O ambiente era bastante agradável, percebi que Ana estava à vontade também. Sentamos a uma mesa redonda pequena, para duas pessoas. Com uma bela toalha verde e os pratos posicionados milimetricamente. O sistema de som tocava um leve *jazz* que agradava aos ouvidos. Mal pude notar que o restaurante estava lotado. Repleto de casais comendo, bebendo e conversando. Estávamos em um clima bastante agradável.

Ana ainda estava eufórica com o resultado de tudo em apenas uma noite. E eu estava feliz por ela. Feliz que ela estava se sentindo realizada. Isso me trazia alegria, mas em contrapartida, me deixava um pouco triste por talvez eu não vê-la mais na empresa. Minha vida já era entediante e monótona do jeito que era e agora sem Ana para alegrar meu dia, o que seria de mim? Droga! Porque o sentimento de amor nos traz junto esse sentimento de posse?

— Já escolheu? — quis saber Ana olhando no cardápio.

— Ainda não. Tem cada prato aqui...

— Verdade. Vou escolher esse. — informou Ana apontando ao prato desejado. Uma grande combinação de massa tipo talharim, ao molho branco com cogumelos.

— Vou escolher esse também. — disse fechando o cardápio. Não queria perder tempo escolhendo qual prato.

— Parabéns. Esse prato é pra ser magnífico. — disse Ana ao perceber que escolhi o mesmo.

— É uma combinação perfeita mesmo. Muito bom. — menti. Não queria deixar escapar que nunca havia comido cogumelos com massa, mas queria impressioná-la. Esperava que o prato valesse a pena.

O jantar foi espetacular, consegui gostar do prato mesmo fingindo amar. Não sei por que eu havia inventado que massa com cogumelos era bom. Mas, foi bom. Não dei um tiro no pé nesse momento. Tudo andava bem, Ana sorridente, falava da alegria que sentia por estar engajada nos seus projetos e eu estava feliz por ela. E me roendo por dentro em saber que meus dias de vê-la no mesmo local de trabalho estavam contados. Constatei que a mistura de sabores de massa e cogumelos eram interessantes no meu paladar.

— Estou adorando tudo. Incluindo esse jantar maravilhoso contigo. — anunciou Ana me tirando do pensamento sobre o prato. E agora? O que eu devo dizer?

— Digo o mesmo. — e sorri. — Espero que esta noite seja o início de sua nova jornada profissional e que tudo dê certo. — levantei a taça e brindamos.

O que eu queria mesmo era revelar meus sentimentos a Ana, mas como eu iria começar esse assunto? Eu comecei a me pressionar, pois não sabia quando uma oportunidade dessas poderia aparecer novamente.

— Posso te perguntar uma coisa? — começou Ana.

— Claro.

— O que você e a Laura estavam conversando enquanto estive fora? — essa me pegou de vez. Um arrepio percorreu por todo o meu corpo, será que Ana escutara toda a conversa de Laura tentando arrancar a verdade de meus sentimentos?

— Ela perguntou de onde te conhecia e tal. Essas coisas. — menti olhando fixamente nos olhos de Ana pra saber se ela esboçaria alguma reação ao me ouvir falar daquela forma. E na minha resposta, tentei ao máximo não desviar o olhar para não dar impressão de que estava mentindo.

— Ah sim. — disse por fim. Consegui convencê-la. — Eu acho que ela gostou de você. Ela é bem transparente quando não vai com a cara da pessoa, sabe! Mas com você, foi tudo tranquilo.

Terminamos de jantar e nos encaminhamos para o carro, à hora estava avançada e tínhamos que ir embora pra um novo dia de trabalho. Entramos no carro, e Ana ficou mais quieta, mais calada. Por várias vezes, mexeu no celular, mandou algumas mensagens escritas. Mesmo dirigindo, pude notar que a alegria de Ana se distanciou um pouco para dar lugar a uma tensão. E isso me deixou encucado. O que estava acontecendo?

— Está tudo bem? — arrisquei a perguntar. — Você ficou calada na volta. O jantar foi ruim?

— Está sim. — disse Ana dando um leve sorriso. — O jantar estava perfeito, nunca iria imaginar acabar minha segunda-feira dessa forma. — e voltou o olhar para a tela do celular. Decidi não interrompê-la mais.

Ana me deu as instruções de como chegar a casa dela. Ela morava num bairro residencial com casas muito bonitas. A casa dela era a mais diferenciada. Tinha um muro com cerca elétrica em cima. E um portão de cor marrom com uma grande fechadura. Quando Ana saiu do carro, também sai. A rua estava deserta, apenas um latido de um cachorro ao longe era o barulho que tinha. Chegamos ao portão, pude perceber que a entrada social ficava dentro do portão grande, sendo assim, não teria a necessidade de abrir o portão inteiramente para pessoas entrar.

— Essa noite foi mágica pra mim. — disse a ela tendo um pouco de coragem. Meu coração estava começando a acelerar.

— Foi tudo perfeito. — disse Ana, vindo em minha direção abrindo os braços deixando suas bolsas ao chão. Nosso abraço foi bom, foi apertado. E eu aproveitei ao máximo cada segundo daquele abraço. — Obrigada por tudo. — disse com a cabeça recostada em meu peito.

Com minha mão esquerda, fui até sua cabeça e alisei carinhosamente. Ana levantou a cabeça e sorriu pra mim. Aquele momento era mágico. Eu me sentia como num sonho. E num ato corajoso que me percorreu, abaixei a minha e nossos lábios se encostaram. Um beijo doce, apaixonado. Eu mal conseguia acreditar que finalmente estava beijando o amor da minha vida. Ana me abraçou enquanto nos beijávamos e eu acariciei seu rosto carinhosamente. Aproveitei cada segundo daquele nosso momento. Fiquei enfeitiçado pelo perfume que Ana exalava.

— Tudo bem? — perguntei após o beijo.

— Tudo sim. — disse Ana com a cabeça baixa. Será que estava arrependida?

— Espero não ter sido invasivo.

— Não se preocupe. Não foi. Foi tudo perfeito. Ótimo. — disse por fim.

— Amanhã vamos nos ver? — quis garantir sobre o dia seguinte.

— Claro! Até amanhã. — disse pegando na minha mão. Logo Ana pegou suas bolsas, a chave e entrou. Ao abrir o portão, pude notar um belo jardim antes de chegar à porta de entrada da casa.

— Se cuida. — disse ao ver Ana fechar o portão.

Com certeza, esse foi o melhor dia de toda minha existência.

Capítulo 2

Eu voltei mais eufórico do que nunca para casa. Minha alegria era tanta dentro do carro que tive que me controlar pra andar no trânsito. Nada podia me afetar negativamente porque finalmente estava dando tudo certo pra mim. Mesmo que Ana saísse do emprego, eu ainda continuaria a tê-la em minha vida, e pra mim, era isso que importava. Eu estava mesmo feliz. De verdade.

Liguei o som do carro nas alturas, cantei junto com os cantores, livre de qualquer pensamento triste. Teve momentos que baixe o vidro e cantava pra rua inteira ouvir. Eu estava realmente feliz.

Entrei no estacionamento do meu prédio radiante. Manobrei, sai e tranquei o carro, dei uma rápida olhada pra vaga de João e lá estava o carro bem estacionado, onde será que aquele danado se meteu? Não tinha nada demais, eu queria era chegar a minha casa, tomar um banho, tentar dormir, pois no outro dia a veria de novo.

Quando estava no elevador subindo pro meu apartamento, me toquei que estava parecendo àqueles adolescentes que se apaixona pela primeira vez, e daí? Isso não me importava mais. Não estava mais ligando para o que as pessoas poderiam pensar em me ver naquela situação, eu queria mais era ser feliz com minha Ana. E hoje demos o primeiro passo para a nossa história.

Entrei no apartamento e logo me veio àquela energia que deixei pela manhã. Meu Deus! Que desorganização. A primeira tarefa que veio a mente era desfazer esse guarda-roupa improvisado na sala sobre a poltrona. Afinal, porque não convidar Ana para conhecer meu apartamento? Cozinhar alguma coisa pra ela, mesmo sem saber cozinhar nada. Mas a internet está aí pra isso. Pra mostrar e ensinar como faz.

Comecei a tornar o ambiente mais agradável. Fui arrumando pela sala, guardando as coisas, deixando os objetos limpos. Fui até a cozinha, e anotei em minha mente que amanhã precisarei comprar alguns mantimentos para a cozinha.

Quando me dei conta, já era de madrugada e precisava de alguma forma relaxar e dormir para amanhã. Como eu iria fazer isso era que não sabia.

Tomei meu banho e fiquei pensando sobre o beijo que dei em Ana em frente à casa dela. E lembrei-me de como foi bom. De como foi algo natural. Foi esplêndido.

Deitei com a cabeça a mil. Eu tive certeza que não conseguiria dormir tão rápido, mas tentei dormir mesmo assim na esperança de que poderia sonhar com Ana novamente na praia.

XXXXXXXXXXXX

Novamente o barulho do despertador do meu celular me fez despertar. Rapidamente, tudo que aconteceu ontem veio à tona. Meu Deus! Ana!

Levantei e me apressei em deixar tudo organizado para ir trabalhar. Quando estava indo à porta, escutei a campainha tocar. Certeza que era João. E fui logo abrindo a porta.

— Bom dia João. — disse a ele animado.

— Nossa! Bom dia, Caio. Como vão as coisas? — João perguntou assustado.

— Está tudo certo. Vamos tomar aquele café no Seu Evaristo? — dessa vez, não estava preocupado com que João veria na sala do meu apartamento. — Vou só pegar minha carteira ali no quarto. Entra. — disse a ele.

Segui para o quarto e deixei João na sala. Fui até a calça que usei no dia anterior e ao botar a mão na calça, senti o cartão que não havia entregado a Ana. O cartão de contato do ateliê. Isso era uma boa justificativa de ir até seu encontro lá na empresa, iria devolver o cartão. Peguei tudo e voltei à sala. João estava sentado justamente na poltrona que estava repleta de roupas ontem.

— Vamos lá? — anunciei quando apareci na sala.

— *Demorô!* — disse João levantando-se.

Seguimos no elevador com João relatando que passou a noite assistindo TV. Ainda me disse que viu uns quatro ou cinco episódios de uma série que não tive o trabalho de ouvir o nome. Quando estávamos próximos da lanchonete de Seu Evaristo dei a grande notícia.

— Eu e Ana nos beijamos ontem à noite. — disse resumidamente. João teve um baita susto com a minha afirmação.

— Oi? Como assim? Como foi isso? — disse João ainda perplexo.

— Lembra que eu fiquei mais tarde no trabalho? Então... A Ana também ficou e ela me viu lá e veio falar comigo. Cara, pra te resumir de tudo, acabei dando carona a ela até um ateliê, e aí jantamos juntos depois. E depois a deixei em casa, mas antes de nos

despedirmos, eu a beijei. E depois, eu voltei pra minha casa. Foi uma aventura... Que eu gostei demais.

— Nossa. Então enquanto eu estava assistindo TV você teve esse *rolê* todo? Caramba!

— Pois é. Nem eu estava esperando isso tudo ontem. Só sei que deu tudo certo e espero encontra-la hoje novamente. Programar alguma coisa mais para o final de semana talvez... Sei lá.

Entramos na lanchonete e pude notar que o filho de Seu Evaristo não estava no caixa hoje. Cumprimentamos o senhor do café e fizemos nosso pedido.

Enquanto nós tomávamos o café, João ficou mais calado, estranho.

— Que foi que houve João? Que cara é essa? Normalmente você fala pelos cotovelos...
— disse batendo no braço esquerdo de João.

— Você acha que estou mais quieto? Estou normal, você que está todo elétrico aí com o lance da Ana. — e riu por fim. Será que sou eu tenho paranoias mesmo?

— Tudo bem, vamos indo. Tenho muita coisa pra fazer hoje.

— Sei, sei. — disse João com ironia.

— Cala a boca. — disse batendo no ombro de João e rindo ao mesmo tempo.

XXXXXXXXXX

— Caio, preciso que olhe aquelas planilhas pra mim. — disse meu coordenador.

— Tudo bem. Vou ver agora. Tenho algum prazo?

— Claro que tem. Pra ontem. — disse Seu Lopes sarcástico. — Compreendeu?

Seu Lopes conseguia me tirar do sério às vezes, um homem de seus cinquenta e poucos anos, mas com agilidade de um rapaz de vinte. Quando ele vinha andando maciamente para o nosso setor, podia esperar. Era problema que na maioria das vezes, eu tinha que resolver. E justo hoje, que eu tinha que ir até o setor de marketing pra ver Ana, eu não conseguiria pela manhã. Os relatórios a ser revisados eram enormes e exigia a minha máxima atenção. A ansiedade e euforia teriam que esperar para mais tarde.

XXXXXXXXXXXX

Quando finalmente consegui terminar de revisar tudo, conseguir ir até a copa. Fui o mais rápido que pude e já levando o cartão do ateliê na mão. Passei em frente à porta do setor de Recursos Humanos e tudo andava mais calmo, comparado com o dia anterior. Ao chegar à copa, vi apenas Dona Henriqueta preparando um café.

— Bom dia Dona Henriqueta. Como vai? — fui educado com a senhora que limpava e fazia nosso café diário com maestria.

— Bom dia meu rapaz. Eu vou como nosso bom Deus quer, não é? Tenho que dizer que estou bem pra melhor passar.

— Entendi. A Ana do marketing passou por aqui, ou sabe dizer se ainda vai vim?

— Eu não a vi hoje não. Parece que nem veio. Vi apenas Larissa. Sabe quem é não sabe?

— Sei sim. Vou lá ao setor então, obrigado.

— Mas não vai tomar nem um cafezinho? — Dona Henriqueta me entregou um copinho com um pouco de café. Estava fervente.

— Obrigado Dona Henriqueta. Seu café é maravilhoso e hoje vou precisar muito dele.

— Ih, dormiu pouco não é? Você se cuide, rapaz. Você não sente nada agora, mas quando tiver na minha idade, eu terei pena de você.

— Obrigado pela preocupação. Eu vou ficar bem, não se preocupe. — e saí antes de Dona Henriqueta continuar com seu falatório do que é bom e do que é mau para a saúde.

Passei pelo setor de Recursos Humanos novamente voltando. Fui até o elevador para subir mais um andar. O marketing ficava um andar acima de onde eu trabalhava. Eu estava ofegante, ansioso como sempre fico quando tenho algo relacionado à Ana. Cheguei ao andar que queria e fui até o setor.

Ao passar pela grande porta dupla de vidro, percebi que o *layout* do setor estava enorme. Uma grande mesa redonda estava ao centro da sala com várias cadeiras, talvez nossas próximas reuniões de campanhas fossem nela. Ao redor dessa enorme mesa, ficavam agora as mesas de escritório, com computadores e outros acessórios. Eu já sabia qual era a mesa de Ana por conta da identificação, mas a mesa estava vazia. Onde será que Ana se meteu? Eu estava ansioso demais pela demora de encontra-la.

— Procurando por alguém? — perguntou uma moça mais nova.

— Tudo bem, Elis. — respondeu um homem aparentemente da mesma idade que a minha. — Ele é o Caio, do Financeiro. — Você procura por alguém Caio?

— Eu gostaria de saber onde está Ana. Eu achei que a veria na copa, mas não estava lá. — disse ao rapaz. Acho que ele era o responsável do setor.

— Ah sim, a Ana não apareceu hoje não. Aliás, acho que a Larissa sabe do paradeiro dela. Não sei se você já sabe, mas a Ana está de saída da empresa então ela deve estar acertando alguns detalhes no RH, não?

— Eu passei pela frente do RH e ela não estava lá. Onde está Larissa?

— Oi Caio. — disse Larissa atrás de mim me dando um pequeno susto.

— Oi Larissa, tudo bem? Podemos conversar um pouco? — falei com ela como se já tivesse alguma afinidade. Fomos até o corredor. — Eu queria saber se você sabe da Ana. Acho que ela não veio trabalhar hoje, não é?

— Eu falei com ela ontem à noite bem tarde já. Perguntei se deu certo ela ir ao ateliê...

— Sim, deu certo. Eu a levei até o ateliê. Deu tudo certo com relação aos projetos dela. — disse.

— Pois é. Ela me falou tudo que houve ontem. Ainda bem que deu certo. Ela será premiada com esses trabalhos que arranjou em ambas as partes. Ela é esperta. Mas falamos apenas sobre o que rolou ontem. Eu achei que ela estaria por aqui. Mas com esse movimento todo dela na agência, aqui na empresa e até no ateliê, achei que ela estivesse por esses locais. Mais vou ligar pra ela agora. — Larissa voltou até a sala e eu entrei também. Larissa foi até sua mesa e pegou o celular, procurou o número e ligou.

Voltei a lembrar da última conversa que tive com Ana na noite anterior. Ela disse que nos veríamos no dia seguinte, ou será que não? Será que me enganei?

— Vai direto pra caixa de mensagem. — disse Larissa me tirando desses pensamentos.

— Depois de tudo ontem à noite, eu me esqueci de pegar o número dela, pode me passar?

— Claro. Depois de ontem, acho que ela não vai se importar de te dar o número dela. — disse Larissa, e com um pequeno pedaço de papel, ela me entregou.

— Obrigado Larissa, pega aqui o meu número e qualquer notícia dela, por favor, me fale. Preciso falar com ela.

— Está bom. Se você conseguir antes de mim, me avise também.

— Pode deixar. — disse saindo da sala.

Fui andando até o elevador com o celular na mão e o número de Ana na outra. Adicionei aos meus contatos e liguei. Estava ansioso que ela atendesse a minha ligação. Não era fã de ligação, preferia mil vezes mandar uma mensagem ou até mesmo mensagem de áudio do que ligar, mas eu estava ansioso demais pra esperar. Liguei logo. Minha tristeza veio quando soube que ia direto pra caixa de mensagem. Entrei no aplicativo de mensagens instantâneas e mandei uma mensagem. Percebi que a mensagem foi, mas Ana não recebeu. Ela estava sem internet.

Tive que voltar pra minha mesa encucado com toda a situação. Por que Ana sumiria assim? O que tinha acontecido com ela depois que saí de sua casa? O que sabia até o momento era que ela falou com Larissa sobre tudo o que rolou, inclusive do beijo. Então o que estava acontecendo nesse momento?

Estava pensativo, olhando pra umas notas até que João apareceu.

— E aí José.

— Não me chama assim. É sério.

— Tudo bem. Desculpe. Mas e aí? Falou com Ana?

— Não. Eu ainda não a vi hoje.

— Não? Que estranho. Ela já saiu do emprego?

— Acho que não. Ela tinha algumas coisas pra acertar ainda. O estranho é que antes de me despedir, ela disse que nos veríamos hoje. Algum imprevisto grande deve ter ocorrido.

— Ela vem de carro para o trabalho? Pega condução?

— Eu nem sei. Mas espera aí. — peguei o catálogo de ramais da empresa e liguei para o ramal do marketing pra falar com Larissa novamente.

— Larissa. — ela respondeu do outro lado da linha.

— Oi Larissa. É o Caio. A Ana costuma vir de quê pra cá?

— Ah, na maioria das vezes, ela vem de carona comigo porque eu moro na rua atrás da casa dela. Mas hoje não combinamos nada. Não conseguiu falar com ela?

— Ainda não. Mas você sabe dizer como ela vem quando não vem com você?

— Não sei dizer.

— Tudo bem. Ela pode estar na rua mesmo. Mande mensagem e ela não recebeu.

— Pode ser. Vamos aguardar. Daqui a pouco ela aparece e explica toda a situação pra gente. Tchau. — Larissa se despediu.

— Tchau. — e desliguei o telefone. — Larissa não sabe como ela vem trabalhar quando não é ela mesma que traz. Estou ficando preocupado. — disse a João colocando o telefone no gancho.

— Calma Caio. Daqui a pouco ela está aí e explica toda a situação pra gente.

— Nossa. A Larissa disse a mesma coisa. Tudo bem então. Vou esperar.

— Acalma esse coraçãozinho aí. — disse João já se retirando.

Não sei por que, mas algo me dizia que não estava tudo bem. O sumiço de Ana era esquisito. Algo me dizia que ela não estava bem. Estava em apuros. Mas eu tinha que me controlar. Se não, pareceria um louco atrás de uma pessoa que viu ontem.

Almocei sem sentir o gosto da comida direito. Eu não estava com fome, eu queria apenas que Ana atendesse a minha ligação ou mandasse alguma mensagem. Entre uma garfada e outra, eu peguei meu celular e entrei no perfil de Ana no aplicativo de mensagens. A foto de perfil dela era linda. A foto parecia ter sido tirada em alguma viagem, pois a paisagem atrás dela era diferente daqui. Ela usava óculos escuros, e pela alça da blusa, devia estar fazendo muito calor naquele momento. Ela sorria na foto. E ao ver o sorriso dela na foto, me lembrei de ontem do belo sorriso que ela deu em várias oportunidades. No carro, no ateliê, no restaurante italiano... Cadê você Ana?

— Paula deve estar chegando. — disse João ao meu lado me dando um pequeno susto.

— Paula? — eu não me lembrei de Paula no momento.

— Sim, minha prima do interior que vinha ontem, mas não deu. — João explicou. — Ela se enganou com as datas, a viagem é pra hoje e não pra ontem. — e riu por fim.

— Ah, entendi. — eu não queria de forma alguma esticar a conversa de João sobre a prima dele. Ou sobre qualquer outra coisa que tirasse minha atenção sobre Ana. E isso fez com que João percebesse minha tensão.

— Não consegui falar com a Ana? — perguntou João vendo meu estado.

— Não. Está muito estranho tudo isso, a manhã toda sem dar notícia, nem nada. — eu estava apreensivo.

— Tenta se lembrar de algo de ontem, da conversa que vocês tiveram. Ela deve ter dito alguma coisa e você não está lembrando... Ela não disse se iria viajar, se iria passar o dia *off-line*?

— Pois é. — vaguei em minha mente, em nossas conversas da noite anterior, e nada me fazia me lembrar de algum recado que Ana possa ter deixado. Mas quando João falou na palavra ‘viajar’, lembrei que a dona do ateliê iria viajar. — Quem iria viajar era a Laura, dona do ateliê que estivemos ontem, mas Ana não iria viajar pra nenhum canto.

— Mas Caio... Vocês se beijaram ontem, nunca tiveram um relacionamento, passaram a se falar de verdade apenas ontem... Ana não deve ter dito tudo da vida dela em uma única noite, não é? — questionou João.

— O que você diz, faz sentido. Mas... Eu não sei como explicar isso... Eu estou com um mau pressentimento de que ela não está bem... — rapidamente veio na mente a lembrança de Ana mexendo no celular quando nós estávamos voltando pra casa dela. A imagem dela tensa, mandando mensagens ficou nítida. — João, lembrei de uma coisa. Quando estávamos voltando, Ana mexia no celular. Ela estava mandando algumas mensagens e isso a deixou tensa. Quieta. Calada. Foi um momento muito estranho.

— Olha. Eu te entendo que esteja preocupado. Mas vamos ter calma também. Você já está associando que o fato dela ter trocado mensagens com alguém no celular, tem a ver com o suposto ‘sumiço’... Calma. — João sinalizou as aspas com as mãos quando disse a palavra sumiço.

— Não sei... Só estou pensativo. — peguei o celular novamente e ao desbloquear, estava à foto de perfil de Ana. Ao voltar pra tela de conversa, pude perceber que ela estava *online*. — Ela está *online*. — disse a João entusiasmado. — Ela está *online*.

— Aê! — disse João batendo palmas.

Rapidamente, mandei a seguinte mensagem:

“Oi Ana, tudo bem?! Aqui quem fala é o Caio. Depois de tudo ontem à noite, eu me esqueci de pegar o seu número. Foi tudo tão bom, tão perfeito... Espero que esteja bem, eu te procurei hoje pela empresa, fui até no marketing, mas você não esteve lá. Aconteceu alguma coisa? Está precisando de algo?”

— Enviei uma mensagem e ela recebeu, mas não leu ainda. — disse a João com os olhos vidrados na tela do meu celular.

— E aí? Ela já disse algo?

— Ainda não. — pude perceber que Ana deixou de ficar *online*, e não viu minha mensagem. — Ela não visualizou minha mensagem. Ela não está mais *online*.

— Ih.

— O que foi João?

— Acho que ela não está com as mesmas expectativas que você meu caro amigo. Mantenha a calma e tente pensar na possibilidade de que a noite ontem não foi tão mágica pra ela do que pra você. — e riu por fim.

— Cala a boca. — disse já me levantando da mesa do refeitório. Deixei o prato no local devido e saí de lá com raiva pelo comentário de João.

Voltei a minha mesa de trabalho pensativo. O que João dissera fazia total sentido, será que Ana estava me evitando? Será que fui invasivo até mesmo ela me dizendo que não? Que droga! Realmente tudo fazia sentido. Ana pode não ter achado bom tudo aquilo. Mas o que será que eu fiz de errado?

Fiquei atordoado com vários pensamentos. Eu que estava começando a construir uma história bacana entre eu e Ana, e ela não gostaria de fazer parte. Eu não sei como seria minha vida se Ana passasse a não gostar de mim, ou até me odiar por algo.

Mesmo eu tendo a decepcionado, gostaria de ter uma última conversa, pra esclarecer as coisas. Eu precisava dessa conversa. Afinal, somos adultos, e não precisamos desses dilemas adolescentes... “Meu Deus! Calma!”, repetia em minha mente diversas vezes. Mas eu estava disposto a ir atrás de Ana, e dizer que não se preocupe que eu não iria perturbá-la, não iria ser aquele maníaco perseguidor.

Olhei o celular de novo, e ela não havia visto minha mensagem. Olhei de um lado pro outro, e vi várias pessoas trabalhando. Será que João tinha voltado pra mesa dele? Rapidamente, peguei o catálogo de ramais e liguei para o ramal de João.

— Oi. — respondeu João no outro lado da linha.

— João. É o Caio.

— Diz aí Caio.

— Preciso de um grande favor seu.

— Me manda calar a boca, e agora precisa de um favor meu? — e riu.

— É sério João. Por favor, me escuta.

— Aguenta aí, estou chegando. — e desligou.

Rapidamente João vinha em minha direção cumprimentando várias pessoas. Parecia político.

— O que houve? — ele perguntou assim que chegou.

— Preciso sair e quero que você invente uma história pra me cobrir.

— Aonde você vai? — perguntou.

— Preciso resolver umas coisas. Você poderia me cobrir, caso o chefe pergunte? Eu acho que ele não irá incomodar, analisei as planilhas que ele me pediu e já enviei de volta.

— O que você está aprontando?

— Por favor, cara. Pode fazer isso por mim? Depois te explico tudo.

João concordou por fim, peguei minhas coisas, e saí. Eu estava louco pra resolver essa situação com Ana. O amor de minha vida merecia alguma explicação se é que eu tinha que dar alguma... Mas iríamos ficar bem. Eu iria conversar com ela e estava tudo certo.

Quando saí da empresa, fui direto para o meu prédio pegar meu carro. Estava disposto a procura-la em todos os cantos. Resolvi ir até o ateliê.

Depois de um terrível trânsito, consegui chegar ao centro empresarial. Estacionei meu carro, e fui até o ateliê. O ambiente era diferente de dia. Tudo aberto, tudo muito enfeitado. Se não fosse minha situação, pararia com mais calma pra admirar tudo.

Passei pela porta de entrada e rapidamente uma moça de óculos veio me cumprimentar.

— Bom dia. Bem vindo. O que deseja?

— Bom dia. Eu gostaria de conversar com a Laura, por favor.

— Só um minuto. — a moça foi até um telefone e fez uma ligação. Passado uns segundos, ela falou comigo. — Seu nome, por favor?

— Fala pra ela que é o Caio, amigo da Ana que veio ontem à noite aqui.

— Ele se chama Caio. Disse que veio aqui ontem à noite com Ana. Ah, tudo bem então.
— desligou o telefone. — Dona Laura está na sala dela, pode me acompanhar?

— Eu sei onde fica. — disse apressado assustando a moça. — Desculpe, o que tenho pra falar é urgente. — falei ao perceber que fui ríspido.

— Oi amigo. — disse Laura quando me viu entrar na sala. A mesa grande estava abarrotada de tecidos. Pude reconhecer alguns tecidos que Ana deixara aqui.

— Oi Laura, como vai? Eu vim aqui atrás de uma informação.

— Pois não.

— Ana esteve aqui agora pela manhã?

— Não esteve não. Aconteceu alguma coisa? — Laura perguntou com a mão sobre o peito.

— Não. Não. Eu estou atrás dela porque ela não apareceu na empresa hoje, e já liguei algumas vezes e não consigo falar com ela.

— Ah sim. Você já foi à agência?

— A Agência! — rapidamente uma possível luz atravessou minha mente. — Será que ela está lá? Você tem o endereço de lá?

— Claro. Eu tenho um cartão deles com todos os contatos. — ela foi até sua mesa de escritório e abriu uma gaveta e começou a procurar. — Você teve sorte de me achar aqui ainda. Eu estava de saída pra uma viagem.

— Ainda bem que te encontrei aqui, então. — e ri de nervoso.

— Verdade. Aqui está. — disse Laura com o cartão na mão

— Muito obrigado Laura. — disse ao pegar o cartão. — Sei onde fica, conheço essa rua aqui. Obrigado mais uma vez.

— Por nada querido. Você nesse envolvimento todo atrás de Ana, e é porque não está apaixonado por ela, não é? — o comentário de Laura me pegou desprevenido. Como pude mentir pra mulher que está me ajudando agora?

— Desculpe. Eu tenho que ir! Obrigado pelo cartão. — disse apressado saindo da sala e rindo de nervoso.

Voltei ao carro rapidamente. Olhei o cartão, pensei em ligar, mas como eu queria vê-la, tratei de decorar o endereço e ir logo de uma vez.

XXXXXXXXXX

Fui recepcionado por um rapaz na agência de modelos. O empreendimento era enorme, Ana iria se dar bem trabalhando ali. O rapaz de cabelos longos, me levou até uma sala onde continha alguns pufes e uma máquina de café. Não consegui reparar bem na faixa da sala, mas ela tinha muitas cores nas paredes e também no chão. Isso me incomodou visualmente.

A essa altura, eu estava tão nervoso que não quis me sentar à espera de alguém responsável.

— Boa Tarde, em que posso ajudar? — uma linda mulher chegou à sala.

— Boa Tarde. Eu gostaria de ver a Ana. Ela será uma funcionária nova aqui, ou talvez já seja uma funcionária. — ri de nervoso por fim.

— Você conhece a Ana? — a mulher perguntou com firmeza entrelaçando os dedos das mãos.

— Sim, trabalhamos juntos na empresa de tecelagem... — confesso que ela me intimidou um pouco.

— Entendo. Bom, hoje ela não virá por aqui. Não sei se ela te falou, mas fará alguns trabalhos modelando...

— Ela me falou algo a respeito disso sim. Esses trabalhos seriam hoje? — uma luz estava surgindo. Coitada! Eu feito um louco e ela apenas trabalhando.

— Sim. Estava marcado pra ela ir a um galpão tirar umas fotos com nosso novo fotógrafo.

— Você poderia me fornecer o endereço desse galpão? Gostaria muito de vê-la. Deve ser uma realização pra ela. — tentei disfarçar meu nervosismo.

— Posso até te passar o endereço, mas creio que não será possível entrar. É um trabalho fechado.

— Tudo bem. Chegando lá, verificarei como é. Se não for permitido entrar, eu aguardarei até terminar.

— Ok. Chegando lá, fale com um dos seguranças pra saber, está bem? — disse a mulher já escrevendo o endereço num post-it.

— Tudo bem. Te agradeço muito por isso. — disse ao receber.

Saí apressadamente da agência prometendo a mim mesmo que iria dar uma volta lá depois vislumbrando tudo que Ana iria executar ali. Voltei ao meu carro estacionado à frente da agência.

Estava tão absorto no endereço daquele galpão que nem reparei no nome da agência. Andei por algum tempo até chegar ao galpão selecionado. Estranhei, pois não havia nenhuma movimentação ali. Eu estava esperando ver pessoas andando de um lado para o outro. Correria pra tirar as fotos, produção e etc. Mas estava deserto.

Parei no acostamento da rua, atravessei ao outro lado da rua e cheguei num portão vazado com várias correntes entrelaçadas e um enorme cadeado trancado. Passei a mão pelo cadeado e o objeto estava trancado. Olhei para o chão do galpão, e pelo estado que estava, há um bom tempo ninguém andava por ali. Tudo estava ficando mais estranho ainda. Puxei o cadeado algumas vezes pra tentar tirar e não tive êxito. Ele estava trancado fazia muito tempo. Olhei de um lado para o outro e a rua estava completamente deserta. No meu lado direito, deu pra ver ao longe uma grande avenida com trânsito intenso passando.

— Eu não estou entendendo mais nada. O endereço que a moça me passou é esse? Será que ela errou? Ou eu estou enganado? — disse a mim mesmo.

Peguei meu celular, e ativei meu GPS, realmente era o endereço certo. Peguei o cartão da agência que Laura me deu, e liguei.

— Oi. Eu passei aí há pouco tempo, eu gostaria de falar com a mulher que me deu o endereço do galpão das fotos, por favor! — nesse momento, me toquei que não peguei nem o nome da moça.

— Só um minuto, por favor. — uma voz masculina me respondeu. Pelo timbre, parecia ser do rapaz de cabelos longos que me recepcionou.

— Pois não?

— Oi, sou o rapaz que passou aí e pegou o endereço das fotos no galpão...

— Sim, o rapaz que quer falar com a Ana...

— Isso, eu vim ao endereço indicado, e não está acontecendo nada.

— Como assim?

— Então, eu vim ao endereço que você me passou, e não está acontecendo foto alguma aqui. Não tem ninguém, ninguém mesmo. Está tudo deserto.

— Nossa! Como isso pode acontecer?

— Esse é o endereço certo? — perguntei com certa indignação na voz por conta do possível erro da agência.

— É esse mesmo. Vou verificar com *booker* da agência o que realmente aconteceu.

— Aguardo na linha, por favor. — eu não queria desistir de encontrar Ana de jeito nenhum.

— Ele me informou que estava agendado para hoje mesmo essas fotos. Vamos entrar em contato com as demais pessoas escaladas para esse trabalho.

— Por favor, preciso mesmo falar com Ana. Qual é o nome do fotógrafo?

— Edgar.

— Obrigado. — e desliguei. Onde será que Ana se meteu?

Rapidamente entrei nas redes sociais, e encontrei um Edgar fotógrafo, mas mesmo assim, não tinha cem por cento de certeza que se tratava realmente do mesmo Edgar. Meu Deus! O que estava acontecendo? Que agência que Ana se meteu?

Voltei ao carro, dei mais uma olhada na mensagem que enviei a Ana. E ela ainda não tinha visto. Estava aflito. Muito aflito. Decidi ir até a casa dela.

XXXXXXXXXX

Era fim da tarde, iniciando a noite quando cheguei até a casa de Ana. Deixei o carro mais afastado um pouco e fui a pé até o portão da casa. Olhei para todos os lados do portão, e vi uma campainha. Apertei algumas vezes. Olhei pra rua e algumas pessoas estavam se recolhendo em suas casas. Apertei mais três vezes e não tive resposta.

Olhei mais atentamente entre a brecha do portão e da parede, mas eram muito juntos, não tinha brecha alguma. O que será que aconteceu? Fui até a entrada para as correspondências e passei os dedos pela brecha. Ao chegar ao fim da entrada, algo pontiagudo quis furar meu dedo. Tirei repentinamente por ter sentido o incômodo. Olhei mais de perto e algo brilhou. Cuidadosamente, com dois dedos, consegui puxar. Era uma argola com a ponta um pouco pra fora contendo apenas uma chave simples. Será que...? Será que era uma chave de emergência para o portão?

Peguei a chave, dei mais uma olhada na rua, e apenas um carro passou. Com a chave, coloquei na fechadura e girei apenas uma vez, o portão abriu.

Verifiquei mais uma vez se havia alguma placa de 'Cuidado com o cão'. E não vi. Sinal de que Ana não tinha nenhum cachorro de guarda.

Passei pelo portão, e fechei por dentro. Estava no belo jardim de Ana. A grama estava bem cuidada, mostrando o zelo que Ana tem, diferente de mim. Existia um caminho feito de pedras para um carro seguir em meio à grama. E nas laterais um belo jardim decorado com aqueles bonecos de duendes e etc. no lado direito de quem entra, lá perto do muro,

tinha uma árvore imensa que dava pra ver do lado de fora, creio que fosse uma árvore frutífera. Andei cautelosamente até a varanda da casa. O piso era de madeira. E de frente a porta, ao meu lado esquerdo havia um grande banco branco para sentar e apreciar o jardim. A essa altura, estava reparando em tudo que pudesse me dizer o paradeiro de Ana. Mil e uma situações passeavam em minha mente.

De frente à porta, coloquei a mão na maçaneta e girei. A porta não estava trancada, apenas fechada. Ao entrar vi uma bela escada dando acesso ao andar de cima, no lado esquerdo um portal de madeira que dava acesso à cozinha. No lado direito, um cômodo que parecia ser uma sala de estar. Tudo parecia impecável de limpo na entrada da casa. Mas ainda assim, algo estava estranho. Entrei e fechei a porta atrás de mim. Passou-me pela cabeça de chamar por Ana, mas e se tivesse alguém a mais na casa? Se tivesse algum bandido? Andei cautelosamente até a cozinha, o cômodo era lindo, tudo branco, toda projetada. Com um balcão quadrado em torno da cozinha um jogo de panelas penduradas em cima. A pia também fazia parte do balcão. O fogão e a geladeira mais encostados ao fundo e um depurador de ar acima do fogão. Havia uma porta que dava acesso ao quintal, pois como tinha vidro no meio da porta, pude ver a areia. A casa de Ana era perfeita, eu parecia estar em algum filme norte americano.

Reparei que no balcão, perto da pia, havia um jogo de facas grandes guardadas num suporte de madeira. Peguei a maior e segurei em minha mão direita. Voltei andando cautelosamente até voltar à entrada e fui até a sala de estar do outro lado da casa. O cômodo era bonito, mas tive um susto ao ver tudo revirado. Uma enorme estante que deveria estar lotada de livros estava vazia. Os livros estavam jogados pelo cômodo. Olhei para a TV, e ela estava com a tela quebrada. Alguém bateu. Olhei para o sofá e estava todo rasgado, alguém fez aquilo de propósito.

Mais adiante, ficava a sala de jantar, o que separava os cômodos eram os portais de madeira. A mesa estava vazia, apenas com uma toalha em cima. Andei devagar, até chegar à sala de jantar. Eu estava com muito medo, mas minha vontade de achar Ana era maior. Eu precisava encontra-la e caso estivesse ali, queria tirá-la de lá e levar pro meu apartamento.

Existia outra passagem da sala de jantar que dava para a área de serviço, e vi outra mais adiante que dava para a cozinha novamente ligando os cômodos do andar de baixo. Tudo estava esquisito, apenas a sala de estar que estava revirada.

Como não havia nada no andar de baixo, voltei até a entrada e fui às escadas. A escada era reta e fui subindo calmamente. Quando cheguei ao andar de cima, Era um corredor extenso com várias portas. No fim do corredor existia apenas uma janela com uma

mesinha e um vaso em cima. Entrei em choque quando olhei para o chão e uma grande quantidade de sangue estava no piso.

Capítulo 3

Fiquei sem ação ao ver aquele sangue no corredor da casa de Ana. Pensei em sair correndo, mas quando a imagem de Ana aparecia na minha cabeça, eu criava coragem pra continuar. Meu único desejo naquele momento era não encontrar Ana morta dentro de algum cômodo da casa. Olhei mais atentamente, e o sangue se alastrava para dentro de um dos cômodos. Existia uma trilha levando até a segunda porta. Mas resolvi ir até a primeira e verificar.

Ao abrir a porta, me deparei com um lavabo. Este estava limpo. Nada havia acontecido ali, olhei atrás da porta e nada estava estranho. Voltei para o corredor e mais uma vez, percorreu um arrepio em todo o meu corpo ao ver aquele sangue. Resolvi seguir a trilha de sangue que levava até a segunda porta, que ficava do mesmo lado que o lavabo. Andei cautelosamente e ao pegar na maçaneta, veio em minha mente um pensamento de que eu fui muito descuidado. Agora com todo esse sangue, eu poderia estar numa cena de um crime, infelizmente, e deixei minhas digitais desde a porta de entrada. Que droga!

Abri a porta e me deparei com um lindo quarto, na hora deduzi que era de Ana, pois tinha cara de ser. O quarto era grande, e havia alguns quadros pendurados na parede, uns com fotografias dela e de mais pessoas, deviam ser parentes. A cama estava completamente bagunçada e eu tinha certeza que Ana não a deixaria assim. Alguém esteve na casa dela e fez alguma coisa. Esse era meu temor.

O rastro de sangue seguia para outro cômodo, pois existia uma porta no canto do quarto aonde a trilha de sangue ia. Reparei alguns livros jogados assim como vi na sala de estar. Um grande abajur estava no chão quebrado. Dava a entender que ali dentro houve uma briga. Estava cada vez mais convencido de que estava em uma cena de um crime!

Andei desviando do sangue que estava no chão. E fui até a outra porta. Abri e percebi que era um banheiro. O rastro de sangue dava dentro da banheira, mas não tinha corpo nenhum, nem de Ana nem de ninguém. Não fazia a mínima ideia do que ocorrera ali.

Din-Don

Escutei a campainha tocar e tomei um susto grande ao ponto de bater o cotovelo direito na porta do banheiro. E agora? Alguém estava por vir. Voltei para o quarto cuidadosamente. Pensei em passar minha blusa na maçaneta da porta pra apagar possíveis digitais. Mas vi na cama um pequeno lenço. O peguei e passei na maçaneta, mais uma vez alguém tocou a campainha.

Fui até a porta do quarto, passei o lenço na maçaneta e voltei para o corredor. Desci as escadas devagar e a campainha tocou mais uma vez. Só quando cheguei ao andar de baixo novamente que pude notar uma tela ao lado da porta de entrada. Cheguei mais perto, e apertei no botão que a ligou. A imagem que passava era do portão que dava acesso à rua. E pude ver que quem estava tocando a campainha eram algumas crianças, que passavam e corriam. Assim, me tranquilizei por hora, ninguém estava vindo.

De repente, escutei uma pancada forte vinda do segundo andar. Outro baque que recebi e um arrepio percorreu todo o meu corpo novamente. Quem poderia estar ali? Depois da pancada, escutei que alguém abriu uma porta e a fechou bruscamente. Depois ouvi passos de alguém correndo. Novamente ouvi um barulho de algo quebrando, e pelo tipo de som, associei que seria o vaso em cima da mesinha, abaixo da janela no fim do corredor. Alguém estava fugindo. Subi às escadas sorrateiramente sem pensar, eu queria saber de fato quem era. Literalmente, deitei nas escadas e pude ainda ver uma pessoa de preto passando a perna pra fora da casa. Alguém estava fugindo! Seria o bandido?

Quando a pessoa saiu por completo, levantei e fui até o corredor andando mais abaixado. Cheguei até a janela, e dei uma rápida olhada. Vi apenas o quintal lá embaixo, quem saiu da casa, caiu no quintal e escapou. Achei que estava sozinho novamente.

Um desespero passou pela minha mente. E se o bandido me pegasse? Eu poderia estar morto agora! Atravessei o corredor novamente, desci às escadas, abri a porta de entrada, passando o lenço na maçaneta, e saí devagar pelo portão. Pude perceber que já estava mais escuro. As crianças já tinham saído da rua e não tinha mais ninguém. Neste momento, só queria entrar no carro, e sair dali. Corri até o carro, e ao entrar, ouvi um disparo de revólver que acertou meu carro. Percebendo isso, acelerei sem pensar e saí daquela rua com tudo.

Acelerei o máximo que pude, e saí do bairro residencial que Ana morava. Quem havia atirado em mim? Será que foi a mesma pessoa que escapou da casa? Isso significa que essa pessoa me viu na casa dela?

Não consegui mais pensar direito, apenas queria chegar a minha casa logo, precisava conversar com alguém, mais quem? Lembrei-me de João! Isso! João!

XXXXXXXXXX

Desci do carro, já dentro do meu estacionamento. Fui ver o buraco de bala perto do reservatório de gasolina. Quem atirou, queria que meu carro explodisse apagando os

vestígios de possível testemunha. Que horror! Fui ao elevador agitado. Nunca havia passado por isso na minha vida. Agora eu tinha certeza que Ana corria perigo e quase que eu também me encrencava.

Subi dois andares acima do meu, onde ficava o apartamento de João. Cheguei à porta dele e toquei a campainha.

— Oi Caio. Nossa! Que surpresa você por aqui. — disse João ao abrir a porta.

— Desculpe meu amigo. Posso entrar? Estou precisando falar urgentemente com você.
— João me concedeu a entrada.

Tive uma surpresa ao ver uma mulher sentada ao sofá de João.

— Ah! Desculpe. Estou atrapalhando algo? — falei ao notar que estava sobrando ali.

— Que nada. Essa é Paula, minha prima lá do interior. Eu disse a você que ela viria hoje. Não lembra?

— Ah! É verdade! Perdoe o meu jeito, tudo bem? — quis parecer normal para a prima de João.

— Oi. Tudo bem sim. O João comentou sobre você. Acho que você é o amigo que aguenta esse jeito agitado dele. — e ri educada.

— É sim. — virei para João. — João! Preciso falar com você, algo muito sério. — disse com firmeza.

— Eu vou pro quarto, assim vocês ficam à vontade. — disse Paula já levantando e seguindo pro quarto.

— O que está pegando Caio? Você parece agitado! — notou João.

— Cara! Estou numa enrascada. — comecei.

João pediu que eu sentasse e nesse momento, não consegui mais esconder nada. Falei dos meus sentimentos que sentia por Ana há muito tempo. Falei detalhadamente do que aconteceu ontem, e por fim relatei como foi minha tarde e o início da noite. João ficou pasmo com toda a história.

— Caio. O que você acabou de me contar? Eu entendi direito? Você invadiu a casa de Ana e viu isso tudo? Cara! Que história é essa? Como assim?

— João! Você precisa acreditar em mim, por favor. Eu estou dizendo a verdade.

— Caio! Você bebeu alguma coisa? Está drogado? Que história mais sem pé nem cabeça! Eu não sabia que você era louco a esse ponto... Levou um fora daqueles da Ana? — e deu uma pequena risada por fim.

— Agora você me acusa de louco? — fiquei indignado. — Tudo bem então. — falei erguendo as mãos para o alto. — Esquece o que eu te falei, está bem? Eu vou embora! E você vai ver amanhã ou depois que eu estou falando a verdade. — levantei e saí do apartamento de João.

— Calma cara. — disse João quando passei pela porta. — Caio! Volta aqui, vamos conversar direito. — João me pediu quando eu estava andando para o elevador.

— Fica bem João, me deixa! — disse por fim. O elevador abriu e entrei voltando dois andares.

Quando entrei no meu apartamento, fiquei desesperado. Caí de joelhos na sala, e comecei a chorar. Ana havia sumido, sabe-se lá se foi sequestrada ou algo pior, morta. E eu poderia acabar me envolvendo criminalmente sem ter culpa alguma. Como poderia explicar a polícia que sou simplesmente o cara apaixonado? Certeza que eu seria acusado de ser o mandante do crime ou pelo menos cúmplice. Chorei, e chorei, e chorei mais. Parecia um bebê que perdeu seu doce.

Quando consegui me recuperar mais, fui até a cozinha e bebi um copo d'água. Sentei a mesa, peguei meu celular e para minha surpresa havia uma mensagem de Ana. Desesperadamente, abri a mensagem e percebi que Ana havia gravado um áudio pra mim:

— “Oi Caio! Sou eu, a Ana. Olha, não sei como te explicar, mas... Minha vida é bem complicada e... Eu saí da cidade... Fui embora... Eu cansei... De tudo... Desculpe se te magoei, mas essa vida não dava mais pra mim... Não me ligue mais, não venha atrás de mim... Adeus”.

Aquele áudio foi um tiro no peito que recebi como se fosse aquele tiro disparado ao meu carro. Que forma de despedida foi aquela? Eu não conseguia pensar, não conseguia raciocinar. Não conseguia respirar... Nessa hora, fiz mais força para que meus pulmões sugasse oxigênio. E o ar foi ficando mais difícil de entrar.

Peguei no celular novamente, e aos prantos, botei o áudio de novo.

— “Oi Caio! Sou eu, a Ana. Olha, não sei como te explicar, mas...

— Minha vida é bem complicada... — ouvi uma segunda voz por trás da voz de Ana.

— Minha vida é bem complicada e... — a voz de Ana continuava a mensagem. Foi aí que percebi pelo áudio que Ana estava repetindo o que alguém dizia. Aos poucos, fui me

controlando e percebendo que Ana estava repetindo os sussurros de alguém que achou que a voz não sairia no áudio. E era uma voz que não conseguia decifrar de quem seja.

Com o celular na mão, voltei ao andar de João. Estava disposto a esquecer de que ele havia me chamado de louco. Queria mostrar o áudio a ele, não pra provar que não estava louco, mas que realmente Ana corria perigo. Toquei a campainha e João abriu a porta.

— Caio? O que está acontecendo com você?

— Escuta João, escuta! — dei meu celular pra João e ele viu que estava na conversa minha com Ana no aplicativo.

— Ana deu notícia? — falou João vendo o áudio dela.

— Escuta seu idiota! Escuta de uma vez! — disse com as lágrimas nos olhos.

— Está bem! Está bem! — disse João assustado com meu jeito de falar.

— Eu fiz esse chá, toma um pouco. — ofereceu Paula ao ver meu jeito.

— Obrigado! — agradei pegando a xícara de olho na forma como João escutava o áudio.

— Tudo bem! Achei que fosse uma pegadinha sua logo de cara. Eu pensei logo: “Ih, levou um pé na bunda e agora tem vergonha de assumir!”. Eu iria dizer que seria uma grande palhaçada sua! Ela foi embora? — João estava aflito.

— Você prestou atenção na voz sussurrando pra ela? Uma voz mandando-a repetir? Eles foram descuidados nesse ponto. Dá pra ouvir!

— Espera! — disse João botando o áudio novamente. Tomei um gole do chá. Paula também ficou assustada com tal situação.

— E aí João? Ouviu a voz sussurrando? Acredita em mim agora? — João acenou positivamente com a cabeça.

— E você quer fazer o quê? Ir à polícia informar o desaparecimento de Ana? — falou João.

— Mas é claro! Ana foi sequestrada, eu sabia desde o começo que alguma coisa tinha acontecido com ela. Ela foi enganada, ela tinha umas fotos para tirar pela agência e eu fui até lá, ela não estava. Ninguém estava... — falei desesperado. — Vamos à polícia, João! Por favor! Vamos denunciar esses bandidos!

— Calma! Nós vamos! Paula fique em casa, eu volto num instante! — Paula concordou.

Sáimos do apartamento de João e fomos até o meu. Durante o caminho, senti umas pontadas no peito. Algo não estava certo comigo. E quando chegamos até a minha sala, veio um incômodo na hora de respirar, percebi que estava fazendo mais força para puxar o ar.

— Espera um minuto João. Eu vou até o quarto é rápido! — disse para João já andando em direção ao meu quarto. Sentei na cama com a mão no coração. O senti batendo rapidamente. Fiz mais uma força para respirar fundo, e o ar entrou dificilmente. “Meu Deus! Depois de tudo que passei, ainda vou envolver João nessa história!”, pensei. “Como deve estar Ana nesse momento? Nas mãos de uma quadrilha! Sofrendo!”

Fui caindo pra trás como se alguém estivesse me empurrando e fiquei deitado olhando para o teto imaginando mil e uma situações que Ana poderia estar enfrentando naquele instante. Dei uma olhada rápida pela janela do meu quarto, e me concentrando, deu para ouvir todo o tráfego lá embaixo. Tive mais dificuldade de respirar e comecei a me desesperar. Veio em minha mente que seria a morte anunciando minha linha de chegada. Será que era isso? Que eu simplesmente iria morrer sem conseguir achar Ana, sem conseguir achar nenhum rumo na minha vida? Logo agora que eu finalmente começava a ter um laço afetivo maior!

Tentei chamar João, mas a voz não saiu. Levantei com bastante dificuldade, a respiração não estava boa, e eu estava sentindo palpitações no peito. Lembrei que um tio havia falecido de infarto. Será que era isso que eu estava tendo? Abri a boca chamando João, mas pronunciei apenas alguns sussurros. Quando fiquei em pé, fui arrastando-me até a porta, e ao chegar, tudo começou a ficar escuro e distante. Já não conseguia ouvir, mais nada. Apenas o batimento do coração. Senti minhas pernas falharem, e com mais um esforço para respirar, eu caí.

A última coisa que vi foi o teto do meu quarto, depois... Tudo preto.

Capítulo 4

Acordei com uma sensação boa. Um cheiro de café invadia o quarto. E pude perceber que o dia estava lindo lá fora ao abrir os olhos e olhar em direção à janela. A cama onde eu estava era macia, os lençóis eram macios e cheirosos. Eu conhecia aquele lugar, aquele quarto. Eu estive apenas uma vez, mas era em outra ocasião, em outra situação. O quarto que eu estava era o de Ana, mas desta vez, ao invés de bagunçado estava lindamente arrumado, a não ser pelo fato da minha bagunça na cama. Levantei e fiquei sentado na cama, o cheiro de café me invadiu novamente. Porque acordei aqui? Será que estava sonhando?

Levantei e fui até a porta, ao chegar ao corredor, olhei em direção aonde vi o sangue da última vez, mas não havia nada ali. Notei o silêncio que estava, e isso me trouxe uma paz. Uma ótima sensação que há tempos não estava tendo. Andei calmamente pelo corredor até chegar à escada. Tudo estava lindo, cheiroso e arrumado. Desci cautelosamente prestando atenção a qualquer movimento suspeito. Mas nada de errado estava acontecendo. O aroma do café estava mais forte, e pude, enfim, ouvir alguém cantarolar na cozinha.

Ao chegar ao portal de madeira que dava acesso à cozinha, fui jogado abruptamente do sentimento de paz para o desespero. A cozinha estava totalmente desarrumada, o cheiro de café já não existia mais. Dei alguns passos, e senti meu pé pisando em algo molhado. Tive um grande susto quando vi que estava pisando em sangue. Andei mais adiante, e vi Ana jogada no chão, morta.

Meu choque de vê-la morta foi tão grande que não conseguia me mexer. Fiquei horrorizado e paralisado analisando o corpo de Ana. Pelo estado em que se encontrava Ana já estava morta algum tempo. Rapidamente, percebi que havia um cartão em sua mão direita. Abaixei e vi que era um cartão que continha contatos telefônicos e e-mail de um fotógrafo.

XXXXXXXXXX

Acordei bruscamente depois do terrível pesadelo de ver Ana morta na cozinha de sua casa. Com os olhos arregalados, pude perceber que estava em meu quarto. Olhei em volta buscando alguma informação que me trouxesse de volta à realidade. Foi quando aos

poucos, tudo foi voltando para minha mente. O sumiço de Ana, o episódio que me ocorreu na casa dela. O que contei para João... 'João!'

— João? — falei com a voz embargada. — João? — o chamei na esperança de que ele pudesse me explicar o que realmente aconteceu comigo. Ouvi passos vindos ao meu quarto.

— Caramba! — disse João ao abrir a porta e me ver sentado na cama. — Ele acordou! — João anunciou para alguém. — Como você está?

— Eu estou bem! O que aconteceu comigo? Como eu vim parar aqui? — perguntei apressadamente.

— Calma! Você passou mal ontem a noite. Eu não sabia o que fazer, Paula me aconselhou a chamar um médico. — disse João sentando na ponta da minha cama.

— Ontem à noite? — procurei nas minhas memórias os eventos finais do dia anterior. E foi assim que me lembrei de como vim parar no quarto. — Sim, eu lembrei. Eu vim ao quarto, não estava me sentindo muito bem! — disse para João, ele estava visivelmente preocupado.

— Caio, você me deu um medo muito grande. Não sabia o que fazer! Quando você chegou ao meu apartamento, pensei que você estivesse drogado, veio com uma história sinistra que foi na casa da Ana, e viu sangue e etc...

— Isso mesmo. Realmente isso aconteceu! Eu me lembro! — disse com o coração voltando a acelerar.

— Pois é. Eu pensei que você estivesse drogado, ou algo do tipo. Pensei até que fosse sacanagem sua. Mas quando você me mostrou o áudio...

— O áudio! — disse ao lembrar. — Onde está meu celular? — perguntei olhando em volta da cama, passando a mão pelos bolsos da calça.

— Está aqui. — João respondeu pegando o celular que estava na mesa de cabeceira. — Está tudo bem com ele! — João me entregou. Dei uma olhada na última conversa que tive com Ana e o áudio ainda permanecia ali.

— Eu devo mostrar isso à polícia agora! — anunciei.

— E você vai, mas calma! — João pediu. — Tenta se acalmar primeiro! Ontem eu consegui desdobrar o chefe e ele não percebeu que você não estava. Hoje informei ao pessoal lá que você não está bem. Está doente!

— Obrigado! Como ninguém sentiu falta da Ana ainda além de mim? — fiquei perplexo com a possibilidade de uma pessoa simplesmente sumir e ninguém averiguar a situação.

— Calma! Talvez alguém esteja indo atrás dela também e nós é que não sabemos! Vou falar com a Larissa, ver o que ela sabe!

— Boa! Enquanto isso, vou ligar na agência e ver se alguém tem notícia dela! Vou ver até no ateliê depois. — disse decidido. João saiu do quarto pegando o celular e ligando para Larissa. Eu olhei em minha agenda telefônica o número da agência...

Foi aí que tive uma lembrança brusca. Sonhei com Ana morta na cozinha da própria casa segurando um cartão. De um fotógrafo. Logo depois, tratei de relembrar toda a conversa que tive com a mulher da agência me informando que Ana havia ido tirar umas fotos num galpão com o novo fotógrafo. O nome dele era... Edson? Não! Edilson? Não... Era Edgar! Isso, Edgar! Lembrei!

Liguei para a agência e ao me atenderem, pedi o contato do fotógrafo Edgar com a desculpa de que queria fechar um negócio. O rapaz que estava me atendendo informou que Edgar havia ligado no dia anterior dizendo que iria viajar e não poderia aceitar o trabalho na agência.

Fiquei perdido em pensamentos quando soube desse fato do fotógrafo. Como assim, ele viajou? Só então que... Encaixando um fato com outro... Deduzi que Ana tinha sido sequestrada!

— João! João! — chamei por João saindo do quarto e indo até a sala. João estava sentado ao sofá e tomou um susto ao me ver com os olhos arregalados. — Ana foi sequestrada!

— Como assim?!

— Ontem ela tinha ido tirar umas fotos com tal de Edgar fotógrafo! E não teve foto nenhuma, hoje quando eu fui atrás de pegar o contato dele, a agência informou que ele viajou. Está tudo conectado João! Está tudo conectado! — disse agitado.

— Calma! Calma! O médico disse que você teve um ataque de pânico ou ansiedade! Tenta se acalmar senão você vai passar mal de novo. — João me alertou e tentei respirar fundo na tentativa de me tranquilizar.

— Mas é que tudo se encaixa! Vamos agora até a polícia! Ana sumiu desde ontem pela manhã! Isso se não tiver sido levada na noite em que eu a deixei em casa! De qualquer forma, já está com mais de vinte e quatro horas de sumiço! Ela não poderia simplesmente

abandonar tudo! Ela não agia de nenhuma forma estranha, nem nada! Vamos logo! Se você não quiser ir, não tem problema, eu vou!

— Tudo bem Caio! Você está em condições de ir? — João quis saber. — Eu vou indo até a empresa, e qualquer coisa você me liga ou manda uma mensagem. Tudo bem assim?

— Eu estou bem!

Tomei um rápido banho e troquei de roupa. Vesti uma calça *jeans* simples e uma blusa. Nessa hora João já estava no trabalho. Desci até o estacionamento e peguei meu carro, o buraco feito pela bala ainda estava ali. Saí do prédio e passei em frente à lanchonete de Seu Evaristo, sempre tinha alguém tomando alguma coisa ali. Fui até a delegacia.

A delegacia era grande, e tinha um enorme estacionamento. Ao parar o carro em uma vaga, senti uma vibração na perna, meu celular estava tocando. Rapidamente tirei do bolso e tive uma grande surpresa ao ver o nome 'Ana' ligando para mim.

Atendi a ligação na esperança de poder falar com Ana, mas tive um susto ao ouvir apenas uma mensagem do outro lado da linha.

— Estamos com ela aqui! Não entre em contato com a polícia senão ela morre! Fica esperto! Não vacila com a gente, senão você morre! — a ligação foi encerrada e não pude nem ao menos dizer nada.

Fiquei perdido olhando para o volante do meu carro sem saber o que fazer. Faltavam poucos metros para chegar até a polícia e registrar uma ocorrência, mas os bandidos sabiam que meu plano era envolver a polícia! Como eles souberam que eu estava prestes a delatá-los?

Tive um grande susto ao perceber que um homem batia no vidro do meu lado. Era um policial. Abaixei o vidro e o olhei ainda espantado com a ligação.

— Está tudo bem? Notei que você estacionou e ficou aí! — disse o policial calmamente.

— Está sim! — tentei disfarçar, mas meu espanto era nítido.

— Você realmente está bem? — disse ele olhando fixamente em mim. — Se não estiver bem, pode responder com a cabeça! Você está bem? — O que eu poderia fazer naquele momento? Eu realmente não estava bem, o amor da minha vida tinha sido sequestrada e isso era um fato concreto para mim. Mas não podia envolver a polícia nisso! Como eu iria pedir ajuda? Olhando fixamente, eu acenei a cabeça negativamente. — Sai do carro! Agora! — disse o policial.

Comecei a desfivelar o cinto calmamente, e saí do carro por completo. O policial pediu que eu colocasse as mãos sobre o carro e me revistou certificando-se que eu não estava armado.

— Vamos entrar! — anunciou após a revista.

— Será? — perguntei receoso olhando para os lados.

— Agora! — o policial disse por fim.

Entramos na delegacia e eu estava muito nervoso, passamos pela recepção e várias pessoas estavam por ali. Em uma sala ao longe pude notar alguns policiais tentando separar dois homens que brigavam por algum motivo. O policial que me acompanhava, mostrava o caminho por um corredor até chegarmos numa porta. Ao abrir a porta, pude notar que a sala era pequena e que continha apenas uma mesa e duas cadeiras, possivelmente seria interrogado.

— Fique aqui. Sente-se. Alguém virá falar com você. — disse o policial já saindo e fechando a porta.

Passei alguns minutos, sozinho na sala, refletindo sobre tudo o que estava acontecendo. Pensei e repensei sobre a ligação misteriosa que alguém fez através do celular de Ana e tentei imaginar diversas vezes como que eles poderiam saber que eu estava a caminho da polícia a fim de relatar todo o ocorrido e pedir por ajuda.

Alguma peça não estava encaixando nisso tudo. O que Ana poderia ter para ser sequestrada? O que a levaria ser levada por alguns bandidos? Eram muitas perguntas que rolavam na minha cabeça e que eu precisava urgentemente resolvê-las.

Comecei a pensar sobre como ninguém estava atrás dela! Como que uma pessoa pode sumir assim, sem deixar nenhuma pista e ninguém sentir falta? Logo Ana que era tão querida por tantos que a rodeava... Tentei imaginar quem poderia ter feito isso com ela... Será que foi alguém próximo a ela? Algum amigo que ela considerava como tal? E a família de Ana? Como será que eles estão nesse momento? Será que já sabem que ela sumiu? Espero que João colha alguma informação...

Uma mulher entrou na sala. Uma mulher bonita, de cabelos avermelhados, carregava um distintivo no pescoço. Ela entrou segurando um tipo de caderno na mão. Sentou a cadeira que restava, colocou o caderno na mesa.

— Bom dia! Sou Érica! E vim conversar um pouco com você. — a policial anunciou.

— Bom dia.

— Então, um amigo te viu no estacionamento e você sinalizou que precisa de ajuda.

— Eu não sei se eu deveria falar isso, mas já que estou aqui, não é... — comecei. — Eu vim até aqui pra registrar uma ocorrência. Um desaparecimento de uma colega de trabalho.

— Hum... Desaparecimento? Conte essa história.

— O nome dela é Ana, e trabalhamos na mesma empresa têxtil. Na verdade trabalhamos numa *holding*... — contei sobre nossa vida profissional monótona na empresa.

— Sempre fomos colegas e na segunda-feira, em meio a nossas conversas, eu soube que ela iria mudar de emprego, iria até modelar numa agência... — relatei a policial sobre a ida até o ateliê, falei sobre o jantar, e que a deixei em casa. Relatei sobre o dia seguinte, de como ela não foi trabalhar pela manhã e relatei sobre minha tarde e a noite. E finalizei relatando da ligação que recebi no estacionamento.

— O que você está dizendo é algo grave... Mas eu vou averiguar pra você. Vamos fazer o registro...

Fiz todos os procedimentos para registrar a ocorrência do desaparecimento de Ana, logo após isso, Érica me chamou novamente para mais uma conversa. Retornamos a mesma sala.

— Alguém pode confirmar sua história? Se eu ligar pra agência, para o ateliê, eles vão confirmar os fatos?

— Eu não sou mentiroso. — disse a Érica quando percebi a real intenção da pergunta.

— Mas quem está te chamando de mentiroso aqui? Estou apurando os fatos, você me contou que uma mulher sumiu, está com mais de vinte e quatro horas, me contou que não é do feitio dela sumir assim, e ainda me relata sobre a ligação que recebeu minutos antes de entrar na delegacia... Estou tentando achar alguma coisa aqui... Você não tem nada que achou fora do comum? Nada que por acaso tenha chamado tua atenção, mas pelo fato de estar preocupado com Ana, não ligou muito?

— Até o momento não! — respondi com rispidez.

— Posso ver as mensagens que foram trocadas com Ana, posso ouvir o áudio que você mencionou? — perguntou Érica.

— Sim. — peguei meu celular e o entreguei.

— Está bem! Vou pegar todos os seus contatos. Eu te peço que aguarde, vá pra casa, descanse. Se soubermos de algo, nos informe imediatamente. Caso receba outra ligação, ou

algo de estranho, entre em contato. Um carro da polícia dará algumas voltas pelo teu prédio por medida de segurança.

— Então estou liberado?

— Por hora sim! Mas fica esperto! Qualquer movimento em falso, você me relata. Tome aqui meu cartão.

— Obrigado.

Saí da delegacia rapidamente. Ao chegar ao estacionamento, olhei rapidamente para todos os lados me certificando de que alguém poderia estar me vendo. Andei até o carro e entrei. Peguei meu celular e olhei as mensagens que mandei pra Ana, ouvi o áudio mais uma vez e me bateu aquela grande tristeza ao ouvir a voz tão linda da Ana totalmente amedrontada. Liguei o carro e dirigi até a saída do estacionamento. Alguns veículos também estavam saindo e fez com que eu pegasse uma fila para chegar até a cancela. Foi quando, decidi virar o olhar para fora do carro, e ao longe, perto do portão da delegacia, avistei João.

Capítulo 5

Rapidamente, consegui tirar meu carro da fila para sair do estacionamento e voltei contornando as vagas. Voltei ao mesmo local onde estava sem perder João de vista. Naquele momento, João estava em frente ao portão de entrada conversando ao celular. Saí do carro, e fui à sua direção.

— ... Não sei! — disse João ao telefone. — Ele já pode ter saído, ele me disse que estaria aqui! — João estava agitado.

— Oi. — anunciei minha chegada e João teve um grande susto que quase deixou escapar o celular da mão.

— Eu já te ligo! Já te ligo. — disse João e depois desligou a chamada. — Caramba! Eu não sabia se você ainda estava lá dentro ou se já tinha saído. Tenho umas coisas pra te contar!

— Fala! — deixei de lado as minhas desconfianças sobre João, afinal o deixei no meu apartamento com o acordo de que ele iria para a empresa.

— Fui até a empresa. Conversei com a Larissa, todos estão preocupados. Todos notaram que Ana não voltou para o trabalho. Larissa me informou que até a Laura, acho que era esse o nome, estava preocupada.

— Sei. Laura é a dona do ateliê. Eu a conheci. — informei a João.

— Pois é. Se não me engano, a polícia já registrou o sumiço de Ana. Uma pessoa da agência fez a ocorrência. — João realmente me trouxe novidade.

— Que bom! Isso mostra que tem mais pessoas atrás de Ana, eu consegui registrar aqui, conversei com uma detetive. Érica, o nome dela!

— Ótimo! — disse João baixando a cabeça concordando. — Agora o que nos resta é aguardar a polícia se movimentar. O que poderíamos fazer, fizemos.

— Eu espero que esse pesadelo acabe logo e que Ana esteja bem no fim disso tudo. — suspirei quando falei isso.

— Olha Caio! Eu sei que você deve estar sofrendo muito mais do que as outras pessoas. E peço desculpas se de alguma forma eu desdenhei dos seus sentimentos por ela. Eu realmente nunca iria imaginar que isso pudesse ocorrer no nosso meio. É bem o que

aquele ditado diz: “A gente só acredita quando acontece com a gente ou próximo da gente!”.

— É verdade! Vamos sair desse sol! Hoje parece que vai ser um dia quente.

— É sim. Tive uma ideia. Vamos até a lanchonete de Seu Evaristo! Vamos tomar um suco, comer alguma coisa. Você não comeu nada! E pelo o que você teve ontem, é melhor comer... Se hidratar...

— Concordo. — fui até meu carro e João foi para o dele. Saímos da delegacia e seguimos até o nosso prédio. Deixamos os veículos na garagem, e fomos a pé para a lanchonete.

A lanchonete de Seu Evaristo estava normal como sempre, a diferença era que tinha menos pessoas tomando um café ali, afinal o dia já havia começado, e aquele pico de movimento havia caído um pouco. Notei que novamente, o filho de Seu Evaristo não estava no caixa da lanchonete.

— Bom dia Seu Evaristo! — disse João ao entrar na lanchonete.

— Dia! — respondeu Seu Evaristo com aquele pano jogado pelo ombro direito, e com outro limpando o balcão. — Acho que vocês estão um pouco atrasados. — e riu ao dizer isso.

— Hoje o dia está diferente. — disse João. — Nem café, iremos tomar, vamos tomar um suco mesmo. Pode nos trazer um de laranja, por favor. — João tomou as rédeas da situação de verdade, eu estava aliviado por isso, não estava mesmo com vontade alguma de ser gentil com quem fosse devido à situação. E Seu Evaristo notou meu jeito diferente, mas preferiu não me perguntar nada.

Entre goles do suco e mordidas em um salgado, reparei que João mexia muito no celular, ouvia alguns áudios no ouvido e respondia digitando. Esse jeito estranho me fez arremeter àquela desconfiança que senti quando o vi na delegacia.

E conseqüentemente, me fez lembrar na pergunta que a detetive Érica me fez sobre não se lembrar de nada fora do comum, de nada estranho que eu possa ter deixado escapar. Essa hora, ela deveria estar investigando o ateliê e a agência onde Ana tinha contato. Talvez até lá na empresa, a polícia pode ter andado.

Com isso, fiquei parado, tomando o suco e observando João sem parar. Nesse momento, recordei da segunda de noite. Ele havia me dito que estava esperando a Paula, prima dele, mas com algum problema, ela não pôde vir na segunda, então, ele me informou que ficaria a noite em casa assistindo série na TV. Logo depois de recordar dessa

conversa lá na empresa, lembrei que ao chegar ao estacionamento à noite, o carro de João não estava na garagem, e depois que voltei alegre por ter beijado Ana, o carro estava de volta em sua vaga. João havia saído naquela noite...

Recordei também que quando o relatei sobre o até então sumiço de Ana, ele perguntou se ela já havia mudado de profissão, mas em nenhum momento, eu tinha dito que ela estava de saída! Mas essa parte pode ser que todos já sabiam da saída de Ana da empresa, mas mesmo assim, passou em minha mente a possibilidade de João saber de algo que não me contou.

Que droga! Porque essa desconfiança em cima de João? Porque agora meu instinto dizia que era pra ter cuidado com João? Logo com João?

Passei a mão dentro do bolso e senti a ponta do cartão que Érica me entregara mais cedo. Será que eu poderia relatar a ela sobre todos esses pensamentos de João? Será que eu deveria enchê-la de informação dessa forma? Talvez eu pudesse até fazer com que ela desviasse do foco de achar Ana. Espero que realmente ela esteja atrás do paradeiro de Ana.

— Você conhece algum parente de Ana? — João me perguntou de repente me tirando dos meus pensamentos.

— Não! — respondi me ajeitando no banco. — Na verdade, nos momentos que passei com Ana, não falamos sobre muita coisa. Falamos sobre projetos futuros dela, de como tudo estava dando certo na vida dela, essas coisas. Não relatamos sobre nossas vidas, nossas famílias, nem nada.

— Entendo. Sinto muito. — disse João dando outra mordida num salgado. — Mas bem que você poderia ter me dito que era afim de Ana, não é? Eu teria feito alguma coisa, sei lá...

— Ainda bem que eu não disse nada pra você... — disse interrompendo a fala de João. — Só Deus pode imaginar o que você poderia ter feito... Poderia facilmente acabar com tudo e hoje ela poderia ter raiva de mim. — e soltei uma risada tímida por fim. Logo fiquei triste.

— Ei! Não fica triste não meu amigo. Logo irão encontrá-la e você poderá fazer quantas declarações você puder. Você vai ver, essa parte ruim vai passar! — João estava tentando me confortar, e de certa forma estava conseguindo.

— Eu vou pra minha casa, tomar um banho!

— Isso! Faz isso!

Não fiquei muito tempo, não queria conversar mais com João e nem puxar assunto sobre o que quer que fosse com Seu Evaristo. Estava mesmo era ansioso com o que poderia ter acontecido com Ana. E esperançoso que a policial Érica poderia encontrá-la.

Cheguei ao meu apartamento pensando diversas vezes na noite que estive com Ana. Como as coisas aconteceram rápido. Em uma noite estava ajudando Ana com seus negócios e jantando e a beijando, na outra noite, estava desesperado em saber o que tinha lhe ocorrido. Como pode isso ter acontecido justo com Ana? Logo com a minha Ana?

Depois pensei em como meu pensamento poderia estar sendo egoísta, pensei nas inúmeras mulheres que poderiam ter sido sequestradas, pensei nas inúmeras mulheres que SÃO sequestradas e isso me deixou com a consciência pesada. Realmente, como é complicado ser uma mulher nesse mundo cruel.

O que mais eu poderia fazer? Essa era a pergunta que ecoava na mente. Eu não sabia como agir naquele momento. Deitado no sofá da minha sala estava eu perdido em pensamentos...

Lembrei sobre o acontecido na casa de Ana... Será que... E se eu fosse até lá de novo? Lembrei sobre de como eu entrei na casa e de como eu saí depois, às pressas achando que poderia estar sendo perseguido por alguém. E literalmente eu estava. Alguém me viu e ainda tentou contra minha vida atirando no meu carro. Será que algum vizinho ouviu? O barulho foi alto...

Com esse pensamento de ir até a casa de Ana novamente atrás de alguma informação, me toquei que ao sair da casa de Ana, eu não tranquei nada. Não tranquei porta, portão, não deixei a chave no local escondido. Nada! Eu simplesmente saí correndo... A casa de Ana estava destrancada desde então!

Rapidamente, tomei um banho, troquei de roupa novamente, meus pensamentos estavam a mil. Desci até a garagem e saí no meu carro. Enquanto fazia o percurso até a casa de Ana, pensei em ligar para Érica. Mas será que eu poderia virar um suspeito? E se ela me prendesse? Aí eu não teria mais nenhuma liberdade!

Cheguei ao bairro onde Ana morava, a rua onde ficava a casa dela, era bem residencial mesmo, pouca movimentação era percebida. Um local extremamente silencioso. E ao passar pela frente da casa, pude perceber que o portão estava fechado, será que ainda estava do mesmo jeito que deixei? Parei o carro um pouco mais à frente. Olhei para os lados, e algumas pessoas estavam andando para mais longe, quase chegando à esquina da rua. Mais ninguém estava ali. Desci do veículo e fui andando calmamente até o portão da casa.

Ao chegar à maçaneta da porta que ficava dentro do portão, percebi que estava trancado. Alguém havia trancado a porta social do portão. Quem? Virei de lado e fui até a entrada da caixinha das correspondências na lembrança de que da última vez que estive ali, havia encontrado uma cópia da chave.

— O que você está fazendo aqui? — uma voz me pegou de surpresa por trás. Pela voz a reconheci imediatamente. Era Érica.

— Detetive? — disse levantando as mãos para que ela visse que não tinha nada.

— Responda a minha pergunta.

— Vim saber de alguma coisa! De alguma resposta!

— Vira. — Érica ordenou e eu, obedeci imediatamente. — Você não deveria estar aqui. Você pode atrapalhar a investigação.

— Você está investigando? O que achou?

— Não sou obrigada a responder suas perguntas. Mas eu estou investigando sim. Estive no ateliê que você informou e na agência também. Sua história bate com todas as informações.

— Ainda bem que agora você sabe que não estou mentindo.

— Mas eu nunca te chamei de mentiroso. E no que você veio atrás?

— Eu não iria conseguir ficar em casa esperando algo cair do céu. Eu não conseguiria ficar parado sabendo que Ana pode estar e eu sei que está correndo perigo! — nessa hora, minhas emoções externaram e uma lágrima caiu. Eu estava me sentindo agoniado só em imaginar Ana presa em algum lugar.

— Você gosta dela, não é? Apaixonado?

— Eu gosto sim! — confessei. — Sempre gostei desde quando a conheci, mas nunca disse isso de fato! E na noite que nós conseguimos nos aproximar melhor, conversar melhor! Ela sumiu...

— E o que você estava fazendo aqui em frente à casa da moça que sumiu? — Érica quis saber.

— É como eu te falei. Eu não consigo ficar em casa esperando que algo aconteça. Prefiro eu mesmo ir atrás de alguma informação, de algo que me leve até Ana.

— Devo te alertar que é altamente suspeito você aqui em frente à casa da pessoa que você mesmo registrou a ocorrência...

— Entendo. — eu a interrompi. — E já sei que teve mais pessoas que registraram o sumiço dela.

— Como assim? — pelo olhar de Érica, estranhei pelo fato dela como uma policial não saber que existia mais registros do desaparecimento de Ana.

— João me disse que a agência também acionou a polícia depois do desaparecimento dela. — disse a Érica assustado.

— Não estou sabendo disso. Não fui informada e se realmente tivesse mais algum registro eu saberia. Ninguém da agência de modelos me alertou sobre outros registros de ocorrência. — disse Érica com firmeza.

— Então João mentiu pra mim? — perguntei a Érica.

— Provavelmente sim. — disse Érica de repente. — Por isso te perguntei se alguma coisa estava estranha. Por isso que eu queria saber se algo não estava certo. É por isso que é melhor você ficar em alerta com qualquer pessoa.

— Meu Deus! — aquela desconfiança que tive de João em frente à delegacia havia voltado na minha mente. Era como se tudo fosse resumido parecendo que João estava por trás de todas as armações contra Ana. Porque ele iria fazer isso com ela? Essa era a pergunta que ecoava na minha cabeça. Porque João arriscaria a vida de Ana?

— Agora! Por favor! Vá embora daqui, preciso continuar a minha investigação. — Érica se pronunciou enquanto estava pensando sobre João.

— Não posso! Preciso averiguar as coisas assim como você.

— Não posso deixar você entrar.

— Mas vai ter que deixar. Só eu sei como entrar. — disse ao lembrar sobre o esconderijo da chave no buraco da correspondência.

— Não posso.

Não disse mais nada a Érica. Simplesmente virei de costas e fui até a abertura. Com dois dedos consegui agarrar a alça do pequeno chaveiro que continha a chave do portão social. Virei de novo, mostrei a chave a Érica.

— Como você sabia que a chave ficava aí? — interrogou.

— Eu vim aqui ontem. Ontem à tarde, quase anoitecendo em busca de respostas. E ao procurar por algum esconderijo, achei esse na caixa da correspondência. Acho que te relatei isso.

— Hum. — Érica era um pouco fria. Creio que fosse a profissão que a deixava assim. Sempre em alerta. Sempre desconfiando de mim.

— Vou abrir.

— Calma. — disse Érica jogando seu casaco longo para trás revelando uma arma pendurada, agarrada em sua coxa. Rapidamente, Érica empunhou a arma na mão. — Me deixa abrir, por segurança.

Rapidamente, Érica pegou a chave da minha mão e colocou na abertura. Virou para mim e fez o gesto com a mão para eu manter silêncio.

Érica abriu o portão cuidadosamente, sem fazer barulho. E logo veio o jardim a nossa visão. Olhei para a rua mais uma vez, e como já estava chegando a hora do almoço, a rua estava deserta. Virei novamente para Érica e ela já tinha entrado no jardim.

Passei cuidadosamente pelo portão, mantendo silêncio. Olhei para o jardim novamente, e o reconheci desde a última vez que estive ali. Érica apontou pra algo no chão, era uma marca de pneu que havia saído do trilho de pedra e havia pegado uma parte da grama. Érica foi até a marca e abaixou-se para verificar.

— É um carro grande. Um 4x4. — disse observando a marca do pneu e até onde dava. — Pelo jeito que a marca foi deixada, alguém entrou aqui, e ao sair, deixou o pneu dianteiro direito sair do trilho de pedra. Engraçado é que eu perguntei a algum vizinho e ninguém viu ou ouviu nada. Pode ser que essa ‘visita’ tenha ocorrido pela madrugada, ou os vizinhos não querem se comprometer. — Érica disse com a voz baixa, quase sussurrando para eu ouvir. — Você lembra de algo sobre isso aqui?

— Não. Essa marca de pneu não estava aí. Foi depois que saí ontem. Eu sei que Ana tem um sistema de câmeras, pode ser que algo tenha sido registrado por elas.

— E onde fica a central?

— Ao lado da porta de entrada, por dentro da casa. — Érica levantou a cabeça para verificar a varanda que dava acesso à porta de entrada. Ela levantou e começou a andar novamente.

Fomos andando cautelosamente na esperança de ouvir algum ruído, algum som que pudesse vir de dentro da casa, mas o silêncio era absoluto. Subimos os degraus até chegar à varanda. Tudo estava intacto. Nada fora do lugar.

Ao chegarmos à varanda, eu ia abrir a porta quando Érica me advertiu mostrando que ela deveria ir à frente, afinal ela estava armada.

Érica abriu a porta delicadamente, e foi aí que pude perceber que ela já estava vestida com luvas na mão. Pude ver a escada que dava acesso ao andar de cima. Érica olhou para mim ao abrir a porta e com um gesto, mandou que eu esperasse ali pela varanda. Eu mais uma vez, a contestei. Fiz o gesto de que iria entrar também.

Érica, calmamente, entrou no *hall* da casa, ela olhou para o lado direito, eu a acompanhei com o olhar e pude perceber que a sala de estar ainda estava desarrumada. Érica olhou para o lado esquerdo e eu também a acompanhei com o olhar e pude ver a cozinha. Rapidamente, veio em minha mente, o terrível pesadelo que tive ao ver Ana morta no chão.

Érica virou para mim, e viu a pequena tela que dava acesso à câmera. Ela foi até a tela e apertou o botão de ligar. A tela acendeu e mostrou a rua lá fora. Érica apertou em outro botão e apareceu na tela a notificação de que a gravação fora interrompida. Dava a entender que tudo que se passava ali era gravado. Rapidamente Érica conseguiu acessar a galeria de captura das câmeras e botou a data de segunda-feira à noite.

Por volta de quase meia-noite daquela noite, na imagem que aparecia apenas o portão, veio um clarão e depois apareceu Ana e eu na imagem. Érica olhou pra mim, e eu devolvi o olhar na tentativa de informar que a minha história era real e verdadeira. Érica viu o nosso beijo, e me senti um pouco envergonhado por presenciar a cena de outro ângulo. Depois disso, Ana entrou e eu saí. Rapidamente Érica apertou outro botão, e pudemos ver que a imagem mudou, era de outra câmera. A imagem que mostrava era de Ana no jardim entrando em casa. Ao chegar à porta, ela pegou o celular novamente. E ficou um tempo, parada, digitando alguma mensagem. Só depois que entrou pela porta.

A imagem parava ali, o sistema de câmeras só fornecia as imagens de fora da casa e não de dentro. Então não vimos mais nada. Érica adiantou a imagem mais pra frente e então que notamos algo estranho. De madrugada, podemos ver uma pessoa de preto dentro do jardim. Essa pessoa estava totalmente de preto, encapuzada e mascarada. Não consegui desvendar quem poderia ser. Essa pessoa entrou, fiquei em choque ao ver que tinha outra pessoa entrando no mesmo local que eu estava para fazer algum mal a Ana. Érica, vez ou outra, olhava para mim e fazia sinal para que eu tivesse calma ou pelo menos tentasse controlar a ansiedade.

Érica adiantou as imagens novamente, e finalmente, podemos ver que a mesma pessoa totalmente de preto que entrou saiu puxando Ana desacordada pela porta de entrada. Doeu ao ver a imagem, Ana completamente desmaiada sendo puxada pelos braços pelo bandido. Minha raiva foi tamanha que bati com a mão fechada na parede, perto da tela. Érica rapidamente pegou meu braço e o segurou para que eu não repetisse o movimento. Depois ela apertou o botão e mudou a imagem da câmera da varanda para a câmera de

fora. E pudemos ver nas imagens, o carro grande saindo pelo portão. A pessoa de preto, depois veio, trancou o portão e saiu. Ali eu pude ver a certeza que já estava em minha mente. Ana havia sido sequestrada.

Érica e eu ouvimos passos que vinha do andar de cima. Rapidamente nos viramos e Érica colocou a arma em posição. Uma pessoa vinha correndo do corredor e freou bruscamente ao ver nós dois perto da escada. A pessoa estava totalmente coberta de preto, encapuzada e mascarada. Era a mesma pessoa que havíamos acabado de ver na tela.

— Nem pense em se mexer! — disse Érica ao ver que a pessoa fez um movimento de que iria se virar. — Parado! Mãos pra cima! Agora! — gritou Érica. A pessoa ficou paralisada. — Desce aqui devagar! — Érica falava firme. A pessoa começou a descer a escada. — Abaixa esse capuz! E fique de mãos pra cima! — ordenou Érica.

Érica chegou mais perto, a pessoa tirou o capuz e vi que tinha cabelo curto. Érica revistou a pessoa e tirou de dentro dos bolsos uma adaga.

— Vou chamar reforço. — disse Érica. No momento que ela baixou um pouco a cabeça para pegar o celular, a pessoa mexeu rapidamente, com apenas uma cotovelada, acertou a testa de Érica e correu em direção à cozinha. — Segura... — disse Érica.

Num reflexo que nunca tive antes, pulei em cima da pessoa, mas ela foi mais ágil e conseguiu desviar. Ainda consegui agarrar o pé e puxei. Tanto eu como a outra pessoa, caímos no chão e Érica veio correndo. Rapidamente, o desconhecido ou desconhecida, levantou-se e pegou um das facas grandes que havia no cômodo.

— Eu já mandei parar! — gritou Érica apontando a arma. A pessoa imediatamente parou quando viu a arma sendo apontada para sua cabeça. Jogou a faca para longe ao notar que tinha perdido o combate. — Tira essa máscara! Agora! — ordenou novamente.

Devagar, a máscara foi sendo tirada e entrei em choque ao perceber quem era...

— O filho de Seu Evaristo? — disse extremamente espantado. — O que você está fazendo aqui? O que você tem a ver com tudo isso? — perguntei ao ver o rosto assustado do rapaz.

— Você o conhece? — quis saber Érica.

— Ele é o filho do senhor que eu tomo café toda manhã. A lanchonete fica perto do meu prédio. — disse esclarecendo tudo a Érica.

— Você vai ter que responder algumas perguntas, moleque! — disse Érica para o rapaz. — Qual teu nome?

— Por favor! Deixe eu ir embora! Prometo que não farei nada, não conto nada! — disse o rapaz com a voz embargada.

— O que você tem a ver com isso? — perguntei ao filho de Seu Evaristo.

— Por favor! — disse o rapaz. — Por favor, eu imploro!

— Cala a boca! Se não vai ajudar aqui, vai ajudar na delegacia!

— Não! Delegacia não! Por favor! — pediu o rapaz várias vezes.

— Você não tem opinião aqui! — disse Érica.

O rapaz olhou bem nos meus olhos e disse:

— Desculpa! — sussurrou.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa a respeito, o rapaz avançou para cima de Érica. Num movimento rápido, Érica desviou do ataque e disparou contra o rapaz em legítima defesa. O tiro acertou na região do coração. Ele caiu no chão da cozinha e o sangue foi espalhando-se pelo piso.

— Meu Deus! O que você fez? — disse a Érica.

— Apenas me defendi. — Érica justificou.

O rapaz, que não lembrava o nome, olhou para mim quando eu cheguei perto.

— Eles me obrigaram! Eu tive que fazer o que fiz para salvar meu pai! — disse aos sussurros enquanto sentia dor pelo disparo.

Érica pegou o celular e chamou por reforço, e pediu uma ambulância.

— Onde está Ana? Se você quer que tudo acabe, fala! Onde está Ana?

— Ela está... Está...

— Onde? — gritei.

— Ana... Está... Galpão... — disse por fim.

— Galpão? O mesmo das fotos? O mesmo das fotos? — perguntei, mas era tarde. Olhei nos olhos do filho de Seu Evaristo e pude perceber que a vida havia saído de seu corpo. Érica estava ainda no telefone quando a chamei. Ela veio ao meu encontro. — O filho de Seu Evaristo morreu!

Capítulo 6

A rua que tinha o costume de ser deserta estava cheia. Várias pessoas curiosas estavam cercado a área delimitada que a polícia havia feito em frente à casa de Ana sem ao menos reclamar sobre o calor forte que fazia aquela tarde. Eu estava perto da ambulância e Érica recebia os primeiros socorros devido a pancada que levou, ela não tinha nada grave. Além da polícia, alguns repórteres e jornalistas estavam tentando saber o que acontecera naquele bairro tão pacato da cidade. Eu cheguei a ouvir pessoas comentando várias versões da mesma história que incluía desde sequestro, como chacina... “Como as pessoas são curiosas!”

Ao longe avistei Seu Evaristo chegar com sua esposa, era estranho vê-lo sem aquele pano no seu ombro e sem sua roupa habitual que usava na lanchonete. Agora ele parecia um homem mais sério, com a expressão triste por saber que seu filho tivera levado um tiro. Foram muitas surpresas para Seu Evaristo e sua esposa. Saber que seu filho era envolvido com bandidos, saber que estava envolvido em um desaparecimento e agora saber que estava morto, não era pouca coisa. Passou pela cabeça em ir até lá e prestar meus sentimentos, afinal, eu fui à última pessoa que o rapaz tivera visto antes de falecer. Mas Érica me orientou em não ir, pelo menos não naquele momento.

Eu ainda estava sem respostas, e a pessoa que poderia me tirar algumas dúvidas estava sendo carregada por uma maca, dentro de um grande saco preto. Ainda vi Seu Evaristo e a esposa, chegando perto do saco. Um perito abriu o saco, e pelo desespero da esposa de Seu Evaristo, era realmente o filho do casal.

Rapidamente percorreram em minha mente várias manhãs que estive na lanchonete de Seu Evaristo, todos aqueles cafés, pães que o modesto senhor me servia. E sempre o filho deles estava no caixa. Sempre foi muito receptivo, mas nos últimos dois dias ele não estava lá! O que será que ele deve ter contato para o pai para não ir à lanchonete nesses dias? Bom! Essa seria uma conversa que Érica teria com eles. Afinal, ela em legítima defesa, acabou acertando o rapaz bem no peito.

— Você está bem? — Érica perguntou me tirando dos meus pensamentos.

— Na medida do possível sim! — foi o que deu pra responder.

— O que o garoto falou pra você?

— Ele disse que foi obrigado a estar ali com esses bandidos, ou quadrilha, sei lá! E que a Ana estava em um galpão! Ainda perguntei se era o mesmo das fotos que ela iria fazer, mas ele não resistiu!

— Então esse é o próximo ponto! Você sabe que agora o caso tornou-se público. Tem repórteres e jornalistas por todo lado! Parece que o bairro nunca aconteceu nada do tipo, e agora todas as atenções estão voltadas pra cá.

— Eu não sei mais o que dizer.

— Vá pra casa! Daqui a pouco vai escurecer. A polícia vai ficar monitorando essas ruas por hoje e alguns dias, e você também terá que se cuidar. Afinal, os bandidos sabem de você, porque você mesmo recebeu ligação deles.

— Eu não vou conseguir dormir esta noite. Não sei como vai ser amanhã. Eu quero ir com você nesse galpão.

— Você não vai nesse galpão, e se você for eu vou prendê-lo. Não posso arriscar sua vida tendo que te proteger.

— Mas eu preciso, eu devo isso a Ana. — insisti.

— Você não deve nada pra ela! Ela mal te conhecia, apenas te beijou naquela noite. Você quer ir pra conter sua ansiedade. Então vai pra casa e se controla, por favor! — disse Érica com firmeza.

As últimas palavras de Érica foram bem duras, mas devo confessar que foram das melhores intenções. Ela preza pelo meu bem-estar mesmo com alguém em perigo e eu sou apenas um civil, sem treinamento, nem nada. Eu tinha que compreender todos esses fatores, mas era difícil.

Consegui chegar ao meu carro, desviando de curiosos e jornalistas que insistiam em perguntar o que acontecera ali. As pessoas queriam saber a qualquer custo o que ocorrera na casa de Ana. E eu não estava com cabeça e nem disposição de responder ninguém, não queria fama naquele momento. Queria paz e sossego.

Consegui dirigir até meu prédio. Cheguei ao estacionamento e deixei meu carro na minha vaga. Automaticamente, como sempre faço, olhei para a vaga de João e o carro dele não estava ali. Ele devia ter saído para algum local. De novo, veio toda aquela minha desconfiança acerca de João. Será que ele sabia de algo a mais?

Entrei no elevador perdido em pensamentos. Subi até o meu andar, e tive um susto quando cheguei ao corredor. Percebi que a porta do meu apartamento estava aberta. O medo passou por todo meu corpo, ali era meu apartamento, meu porto seguro, onde eu

conseguia ficar mais relaxado e tranquilo, já não era mais tão seguro. Na hora, pensei em ligar para a Érica, mas... Ela também passou por muita coisa... Qualquer pessoa sensata iria voltar para trás, pegar o elevador e ficar com o porteiro e chamar a polícia. Virei para o elevador, e percebi que alguém havia chamado.

Voltei e fiquei de frente a porta do elevador. Apertei o botão para chama-lo e fiquei em alerta olhando para trás para ver se alguém aparecia. O elevador chegou, e ao abrir a porta, uma mão me agarrou pelo pescoço. O movimento foi tão rápido, que não consegui me desviar.

Fui arremessado para o meu sofá, o homem que me arrastou era enorme, não tinha forças contra ele, era um verdadeiro brutamonte.

— Fique aí. — disse o homem grandão.

Eu fiquei apavorado com a situação, olhei para os lados e meu apartamento estava normal, nada estava fora do lugar, mas como que alguém entrara aqui?

— O que você quer? O que eu fiz? — questionei na tentativa de conseguir respostas, mas o grandalhão não me respondeu. Ele apenas fechou a porta do meu apartamento e ficamos um olhando para o outro sem dizer nada.

— Fica quieto aí. — a única frase que ele me disse foi essa.

Senti meu celular tocar no bolso, peguei-o e olhei para o homem. Ele assentiu com a cabeça me informando que estava tudo bem, eu poderia pegar o meu aparelho. Quando vi a tela, era Ana me ligando, mas eu sabia que não era necessariamente Ana que estava do outro lado da linha.

— A sua sorte é que eu gosto de pessoas com atitude! — disse uma voz masculina no outro lado da linha.

— O que vocês querem de mim? — perguntei olhando para o homenzarrão a minha frente.

— Algo muito simples. Pare agora com todas essas investigações. Não se meta mais na nossa vida! Considere este como o último aviso! Se você insistir, vamos retaliar. Vamos te matar! — arregalei os olhos quando ouvi o homem dizer que iria me matar caso continuasse a ir atrás de Ana.

— Por que você quer a Ana? O que ela tem a oferecer? — tentei puxar conversa com o bandido.

— Não te interessa! Apenas escute este meu último ‘conselho’. Fica de fora! Se não você já sabe! Morte certa!

— Já é meio tarde para dizer isso! Está todo mundo sabendo que ela sumiu...

— Ela será mais uma das tantas que pegamos. — a voz riu por fim. Eu fiquei com o misto de medo e raiva por ter ouvido aquela frase.

— Vocês são traficantes? — perguntei, mas já era tarde. A ligação já tinha sido encerrada. Olhei para a tela do celular espantado.

— Agora é comigo! — disse o homenzarrão.

O homem pegou no meu braço e com pouco esforço me pôs de pé. O rapaz me arrastou até meu quarto, pensei que ele fosse me trancar dentro do cômodo. Ao chegar à porta do quarto, eu imediatamente, peguei na porta e empurrei pra cima do homem. A pancada o atingiu na testa e perto do olho. O grandão gritou com a dor que sentia, eu corri depressa até a sala novamente, saí pelo corredor e entrei no elevador. Ao virar para frente apertando o botão para subir dois andares em busca de João, vi o grandalhão correr pelo corredor em minha direção.

— Venha aqui! — gritou o homem pelo corredor. A porta do elevador fechou e ainda pude ouvir a pancada.

Dois andares acima, corri pelo corredor até a porta de João e toquei a campainha várias vezes. Um vizinho notou meu desespero, e voltou para dentro de seu apartamento trancafiando sua porta. Finalmente João me atendeu.

— Que desespero é esse Caio? — perguntou ao abrir a porta e notar meu estado deplorável.

— Por favor! Deixe eu entrar. — disse quase sem fôlego.

— Entra. Entra.

Entre e sentei quase que desmaiando no sofá de João. Só em saber e notar que estava em um ambiente mais seguro, me tranquilizei.

— O que foi que aconteceu agora? — João perguntou. — Espera, vou buscar água para você! — depois de uns segundos, eu estava tomando água.

— Eu fui ameaçado João! Um dos bandidos conseguiu entrar no meu apartamento. Eu fugi desesperado. Eu não sabia aonde ir, ou o que fazer... Ele quase me matou! Ele ia me matar...

— Espera aí Caio! Os bandidos que levaram Ana estão aqui no prédio? Calma!

— É sim João! Eles estão aqui e me ameaçaram. Eles me ligaram do celular da Ana e me ameaçaram. Eles disseram que iam me matar se eu continuasse nessa busca por ela.

— Meu Deus! — João foi até o interfone e ligou para o porteiro. Solicitou que o mesmo chamasse a polícia porque tinha indícios de que alguém tinha entrado no prédio sem a permissão de ninguém.

Não demorou muito pra todos se reunirem no saguão principal do prédio. Estava eu, João, o porteiro, e um policial. Expliquei toda a história para o policial, e o mesmo reforçou chamando uma viatura. Eu escutei quando o policial conversou com o porteiro, e para meu espanto, o rapaz informou ao policial que ninguém havia entrado no prédio durante seu turno.

— Posso confirmar que não entrou ninguém enquanto estive aqui. As câmeras podem mostrar. — disse o porteiro categoricamente.

— Você inventou essa história? — João perguntou baixinho no meu ouvido.

— Claro que não! Eu sei o que eu vi, o que eu senti! — eu disse.

— Mostra as câmeras logo. — disse João para o porteiro.

Para minha surpresa, realmente ninguém tinha entrado no prédio de acordo com o horário estipulado. O que estava acontecendo ali? Eles poderiam ter entrado em outro local.

— Eles podem ter entrado em outro local. — eu disse nervoso.

— Mas o outro local, só se for pela garagem, mas o portão não tem fechaduras pelo lado de fora, só por dentro e cada morador tem seu controle.

— Alguém pode ter entrado enquanto algum morador entrava ou saía? — questionou o policial.

— Temos câmeras lá também. — informou o porteiro.

Mais uma vez, nada de anormal havia acontecido. Ninguém suspeito havia entrado no prédio. Depois que todos viram as imagens e nada do que eu falava era comprovado, o policial me pediu que eu detalhasse as características do homem grande. Eu o informei de acordo com o que me recordava.

— Existe alguém desse porte aqui no prédio? — perguntou o policial ao porteiro.

— Não Senhor!

— Mas o que está acontecendo aqui? — pela voz vinda em nossas direções, era a síndica do prédio querendo satisfações. Logo o porteiro com o policial a deixaram a par de toda a história.

— Existem câmeras pelos corredores? — perguntou o policial.

— Mas é claro! — a síndica respondeu com orgulho. — Temos um equipamento de última geração instalado no prédio. — o policial não ficou empolgado como a síndica gostaria, mas entendeu que o prédio era bastante seguro.

— Por favor, coloque nas câmeras do corredor. Vamos acompanhar este cidadão quando chegou.

O porteiro colocou as imagens e todos acompanharam a minha chegada ao prédio. Viram quando eu subi, quando eu andei até meu apartamento. E depois voltei. E nesse momento estranhei. Pois naquele instante, eu já estava sendo levado pelo homem grande, mas as imagens que apareciam, era apenas eu andando totalmente nervoso. Pelas imagens, eu entrei no meu apartamento, passou alguns minutos, eu abri a porta desesperadamente e ninguém apareceu atrás de mim. Eu sozinho, entrei no elevador, e subi dois andares até chegar ao apartamento de João.

Todos olharam para mim como se eu tivesse sido pego na mentira. Eu havia surtado.

Capítulo 7

— Então quer dizer que isso tudo foi uma mentira? — escutei o policial dizer já com a voz irritada.

— Calma! Calma! — disse João. — Eu já entendi o que houve. E por favor, senhor! Vamos relevar... — não consegui escutar mais o que João falava, não conseguia mais escutar ninguém falando. Então tudo era mentira... Como que eu pude ser capaz de imaginar toda aquela situação e envolver todos daquela forma? Era tão real... Tão convincente...

João conversou com o policial e o tranquilizou. Explicou toda a minha recente situação. Todos entenderam quando João detalhou sobre o sumiço de Ana e o que estava acontecendo comigo. O policial saiu do prédio e foi até a viatura que naquele momento já estava estacionada em frente à portaria. A síndica voltou para seu apartamento nos desejando sorte pela investigação. Eu a agradei apenas com um sorriso.

João foi me acompanhando até ao meu apartamento, entrou comigo e vistoriou todo o local.

— Pronto meu amigo. Não tem ninguém aqui! Eu vou subir e você tente descansar! Você está exausto com tudo o que aconteceu, com a morte do filho de Seu Evaristo e etc.

— Espera aí! Como você ficou sabendo da morte do filho de Seu Evaristo? Eu não te contei nada!

— Está desconfiando de mim agora? Tenha calma! Eu vi no noticiário! Mas que droga!

— Desculpe. — disse com a voz mais baixa, envergonhado.

— Olha cara. Eu estou tentando te ajudar, estou tentando manter as coisas por aqui, te auxiliar no que for preciso, mas não vou conseguir com você desconfiando de mim...

— Eu sei. — disse enquanto pensava que aquele falatório todo de João era um recado a minha mente que às vezes insistia em desconfiar dele.

— Fica bem! E se cuide! Eu vou indo! — disse já fechando a porta.

Depois de trancar tudo, tomei um banho, e fui pra cama. Comecei a pensar sobre Ana e o que poderia estar acontecendo com ela naquele exato momento. Deveria estar em um canto escuro, pedindo socorro. Eu prometi a mim mesmo que iria fazer de tudo para encontrá-la. De tudo...

XXXXXXXXXX

Acordei com a luz do sol no meu rosto. Fiquei olhando para o teto tentando decifrar onde Ana poderia estar. Minha querida Ana estava em apuros e eu tinha que fazer alguma coisa. Eu me sentia inútil quando pensava em Ana, e na decepção que poderia vir a ser quando fosse encontrada e eu não tivesse nenhuma participação nisso.

Levantei, fui ao banheiro, fui até a cozinha e percebi que não havia nada para comer ali. Que droga! Essa era a hora que eu iria para Seu Evaristo, mas com a tragédia de ontem, supostamente deveria estar fechado.

Peguei meu celular e mandei uma mensagem para João, para saber como estavam as coisas, se tinha alguma novidade... De repente, meu celular tocou e vi que era Érica me ligando.

— Alô! — disse

— Como você está? Depois de todo aquele episódio na casa? — Érica perguntou.

— Eu estou bem! — será que era necessário falar do que rolou ontem aqui na minha casa?

— Que bom! Está tudo resolvido comigo! Você não recebeu mais nenhuma mensagem, nenhuma ligação? Qualquer coisa?

— Não. No momento não!

— Aparece aqui na minha sala, na delegacia! Preciso falar com você pessoalmente!

— Ok.

Troquei de roupa e fui até a delegacia. Entrei no meu carro, ainda pensativo em como minha mente fora capaz de reproduzir todo aquele episódio no apartamento. Dirigi até a delegacia o caminho inteiro no automático. E fui recepcionado por Érica, assim que cheguei à portaria. Ela me levou até uma sala pequena que continha uma mesa com alguns papeis e computador em cima.

— A família de Ana é do interior, eu falei com eles e estão a caminho da cidade. Eu fui atrás de saber se houve outro registro de desaparecimento ou alguma coisa que envolvesse a Ana, e não achei nada! Lembro que seu amigo te comentou que pessoas da agência fizeram...

— Sim. João me informou que tem outros registros feitos pelo sumiço de Ana.

— Obviamente que não tem. Mas creio que se passasse mais dias, a própria família iria atrás.

— Posso estar enganado, mas acho que João falou que Larissa, a amiga de Ana que trabalha com a gente, havia comentado isso com ele.

— Vou checar tudo direito.

— Ok.

— Você está bem mesmo? — Érica perguntou ao ver meu desânimo.

— Estou. Na medida do possível! Eu só queria que tudo fosse resolvido logo. Que Ana fosse encontrada logo!

— Devo alertá-lo que você está no meio do caso por ser uma das últimas pessoas a vê-la.

— Eu sei. E quanto à pessoa de preto das imagens? Pode ser que seja o filho de Seu Evaristo?

— Estamos checando tudo. Mas pelas imagens comparadas ao rapaz que vimos na casa, tem tudo para ser ele sim. Espero que eu possa te dar mais detalhes depois.

— Tudo bem. Posso ir agora?

— Tem mais uma pergunta que preciso fazer a você.

— Ok. Pode perguntar.

— O que aquele rapaz falou pra você antes de morrer? — percebi que Érica reparou que o filho de Seu Evaristo conversou comigo.

— Não sei do que está falando. — menti lembrando-se do que ocorrera.

— Você não está mentindo para mim, está? — Érica era astuta. Afinal, era uma detetive.

— Não estou não! — menti mais uma vez. Com essa pergunta que Érica fez, me fez lembrar sobre o que o rapaz havia me dito. Que Ana estava no galpão.

— Tudo bem então! Está liberado. — disse Érica por fim.

Saí da delegacia disposto a ir novamente naquele galpão onde Ana tinha marcado as fotos. Entrei no meu carro eufórico. Coloquei no histórico de meu aplicativo de navegação, e lá estava marcado o endereço do galpão.

XXXXXXXXXX

Novamente avistei o galpão, e chegando mais perto pude constatar que ninguém estava por perto.

Saí do carro o deixando estacionado no outro lado da rua. Olhei para todos os lados, a rua estava deserta porque era repleta de galpões vazios. Caminhei em direção ao portão.

Percebi como era em volta, o portão estava trancado como da última vez que estive no local. Ao lado do portão, havia apenas cercas de arames. Da última vez resolvi não entrar, mas agora, por conta da situação, resolvi atravessar os arames. Fui andando calmamente para o interior do galpão, o teto era alto, todo feito de placas metálicas.

Conforme eu ia adentrando o galpão, percebi que havia uma construção mais ao fundo. Havia uma escada que dava acesso ao andar superior. Reparei que existiam vários cômodos lá em cima, e um deles, Ana poderia estar aprisionada.

Fui andando até a escada atento a qualquer tipo de som que pudesse ouvir, mas o silêncio era absoluto.

Quando cheguei às escadas, pude ouvir alguns sussurros, isso me deixou apavorado, pois o que o filho de Seu Evaristo dissera na noite passada era verdade. Talvez eu estivesse entrando no esconderijo dos bandidos. Notei que as escadas eram de ferro, e fui subindo calmamente para não fazer qualquer ruído e atrair atenção. Cheguei ao primeiro cômodo, e as vozes estavam mais nítidas, o local estava vazio, não existia nenhum objeto ali. Fui chegando mais próximo da porta que dava para o segundo cômodo.

— Eu acho extremamente arriscado! — disse uma voz rouca.

— Devemos ter cuidado! A garota ainda está presa aqui, e devemos logo trocar de local. — disse uma segunda voz, mais grave.

— Caramba! O garoto foi pego! Eu nunca pensei que ele seria pego dessa forma... — o garoto talvez fosse o filho de Seu Evaristo. — Aquela policial é danada mesmo! — constatou o cara da voz rouca.

— Mas agora ele já era! Temos que pensar no futuro, se ele não conseguiu viver pra desfrutar dos benefícios que o dinheiro do tráfico pode dar... Antes ele do que a gente... — disse a voz grave.

“Tráfico! Tráfico!”, pensei. Ana estava envolvida com traficantes de pessoas!

— Vamos logo falar com o chefe, e vamos tentar nos mandar daqui o quanto antes! — ordenou o da voz mais grave.

— Com certeza. Eu não confio naquele garoto. Ele pode ter dito aquela policial onde estamos. — relatou o outro.

— Acho que não! Se não eles já estariam aqui.

— Eles podem estar vindo nesse minuto. Não podemos ser pegos, se não já era! Vou pegar aqui o celular logo.

Eu estava com muito medo naquela hora, e quando me dei conta de que estava a um passo de pegá-los em flagrante, tive pânico. Estava eu me arriscando novamente nessa história louca, tudo em nome do sentimento que sentia por Ana.

Fiquei agachado, esperando que ninguém pudesse me ver. Eu queria ouvir mais, conseguir mais informações, e quem sabe depois, passar para Érica.

A porta abriu quando eu estava perdido nesses pensamentos. A minha sorte era que eu estava atrás dela assim que o bandido abriu, ele não tinha me visto. Reparei que o homem que abriu a porta era o mesmo que disse que iria ligar para o chefe.

Tive mais um momento de sorte porque o bandido que abriu a porta entrou logo pela passagem que dava às escadas sem me notar no cômodo vazio. Um arrepio passou por todo o meu corpo quando comecei a calcular o perigo que estava correndo.

Arrisquei a olhar pela porta para verificar como era o outro cômodo em busca de algo que me levasse a Ana, ou se conseguiria vê-la. Notei que a sala tinha uma mesa de escritório e duas poltronas. Devia existir mais uma porta aberta no cômodo, pois a luz do sol entrava pelo lado direito desse cômodo novo que eu avistava, reparei que o outro bandido havia saído também.

Fui rastejando devagar para o outro cômodo sem fazer barulho, e realmente avistei a porta que dava para outra escada metálica. Cheguei até a porta e reparei que a escada dava para um terreno baldio. Ali tinha uma trilha de areia que levava para uma mata mais fechada. Fiquei de pé e olhando a mesa, avistei um *notebook*.

Levantei a tela do aparelho, e assim que a tela ligou, eu pude ver uma enorme lista com nomes de mulheres que já haviam sido pegas. Entrei num arquivo que me mostrava os locais que as mulheres iam quando eram levadas. E tinha vários locais diferentes, algumas iam para os Estados Unidos, outras iam para a Europa como Alemanha, França, Bélgica. Outras iam para Turquia, Iraque... Eu estava descobrindo uma grande rede de tráfico de mulheres internacional.

Pesquisei por Ana, mas não havia encontrado nada referente a ela naquele aparelho. Olhei para o canto da tela para saber se tinha internet ali. E para minha alegria, tinha.

Peguei meu celular, e no *notebook* entrei no site do mesmo aplicativo de mensagens, ao entrar pela minha conta, consegui enviar vários arquivos de documentos e mídias para o contato de Érica. Por fim, escrevi uma mensagem escrita que depois eu explicaria tudo, o importante é que confiasse em mim naquele momento.

Depois de copiar tudo para o aplicativo de mensagens, saí da plataforma e do site, fechei o aparelho e o deixei como estava quando o encontrei. Fui andando calmamente para a porta nova. Quando eu cheguei de frente à escada que dava para o terreno, ouvi um dos bandidos voltando pela escada que dava para o galpão.

— Edgar! Eu vi um carro parado em frente ao galpão! A gente deve se preocupar? — o bandido vinha se aproximando e eu tinha que sair dali imediatamente.

Desci as escadas e cheguei ao terreno, avistei uma velha cabana, e percebi um homem saindo da cabana.

— Ei! — disse o homem quando me avistou.

Sem pensar duas vezes, eu corri em direção à mata mais fechada. Ainda deu tempo de ver o homem sacar uma arma. Não demorei a escutar disparos em minha direção. O outro homem que estava na sala lá em cima também correu e começou a atirar. Não sei como consegui escapar, mas despistei ao entrar na mata, corri para detrás de um grande arbusto, logo os dois chegaram e começaram a me procurar.

Sem saída, o que eu mais queria era chegar ao meu carro e sair dali. Mas como eu iria conseguir?

— Mas que droga! O cara fugiu! O que será que ele viu? Será que ele viu a garota?

— Não! A garota está na cabana!

Um aperto no peito veio ao saber que Ana estava a alguns metros de mim, totalmente indefesa. E que eu poderia salvá-la começou a percorrer na minha mente. Mas como eu iria conseguir passar por esses dois armados?

— Fala para o chefe que fomos vistos no galpão! Vamos falar do que houve aqui e vamos sair imediatamente do local! — ordenou o da voz mais grave.

Eu não poderia ir embora e deixar Ana para trás. Eu tinha que voltar e resgatá-la. Só não sabia como.

Avistei os dois se afastando, voltando para o terreno baldio. Essa era minha oportunidade de sair do arbusto. Quando comecei a sair, pisei num galho seco que quebrou ao ser pisoteado. Os dois homens voltaram bem rápido e me avistaram novamente.

— Lá está ele! Pega! — disse um deles.

Saí correndo de novo me enfiando mais ainda pela mata, desviando dos disparos que vinham na minha direção.

Mais adentro da mata, comecei a escutar barulho de carros e motos passando, deveria estar chegando do outro lado. Parei, pensei um pouco sobre onde eu poderia estar. Peguei meu celular e fui olhar no mapa digital onde eu estava. Quando finalmente vi o local, comecei a correr para o meu lado esquerdo mantendo linha reta até chegar a uma rua novamente.

Fiz todo o percurso por essa rua contornando a mata, o terreno e o galpão. Até que voltei para rua onde ficava a frente do galpão. Fui em direção do meu carro, e quando cheguei perto do veículo, escutei outro carro dando uma acelerada brusca.

Olhei para o galpão, e uma van preta vinha a toda velocidade, o veículo bateu no portão trancado com força que o fez derrubar. Vários disparos vieram em minha direção, mas eu havia conseguido me abaixar ficando escondido atrás do meu carro. Quando a van se distanciou mais, fiquei de pé e pelo vidro traseiro da van, vi a cara de Ana desesperada, pedindo ajuda.

Capítulo 8

— Entra logo no carro e vamos atrás deles! — fui pego de surpresa ao ouvir a voz de Érica atrás de mim.

— Mas como você...?

— Me dá a chave! Agora! — ela gritou. Eu acabei passando a chave e quando ela abriu a porta do motorista, tratei de pular para dentro do meu carro. Érica ligou o carro e deu uma arrancada que nós dois fomos apertados para o assento. — Bota o cinto! — disse por fim.

— Como você sabia que eu estava aqui? E Como você me seguiu? — perguntei enquanto Érica girava a direção bruscamente do meu carro para fazer uma curva.

— Eu sabia que você estava mentindo para mim! Nunca mais faça isso!

— Ana está lá dentro! Dentro daquela van! — disse a Érica.

Conseguimos alcançar a van pouco tempo depois, mas os bandidos notaram nossa presença. Eles pegaram uma entrada que levava para a rodovia federal. E nós fomos atrás.

A rodovia era extensa, com alguns carros andando aqui e ali. Os bandidos cortavam os outros carros, e Érica, conseguia fazer as mesmas manobras. Eu já não sabia mais como aquele dia terminaria com tamanha situação. Perseguindo bandidos no meu próprio carro.

O que eu mais queria me concentrar era em Ana presa, talvez sendo ameaçada constantemente. O rosto dela prensado no vidro do carro não saía do meu pensamento. Devia ser desesperador!

Érica parecia que já tinha prática em perseguições daquele nível. Ela não se deixava abater por mais difícil que estava ficando aquela corrida em meio ao trânsito que estava ficando cada vez mais intenso. Andamos tanto que saímos da cidade e pegamos a estrada. Os bandidos ainda corriam muito, e nós sempre atrás deles.

Quando chegamos à estrada deserta, sem ser dentro da cidade, ouvimos alguns disparos contra nós. Eles começaram a atirar. Érica me mandou ficar abaixado e continuou dirigindo, em alguns momentos, ela sacava a arma para fora e disparava também.

Passamos por um posto de combustível e todos ficaram assombrados com os barulhos de tiros sendo atravessados entre os dois veículos. Eu estava num verdadeiro pesadelo. E só queria que tudo acabasse bem.

Passado um tempo, os bandidos entraram numa estrada de terra e nós fomos atrás, agora era mais difícil de livrar de nós, pois víamos grandes quantidades de poeira que levantavam com tamanha velocidade que eles andavam pela estrada.

Mais um tempo passou, e chegamos a uma encruzilhada na qual não sabíamos onde os bandidos tinham ido. Se era para o lado esquerdo ou direito.

— E agora? — perguntei a Érica.

— Espera aqui! — ordenou.

Érica saiu do carro e foi até o início da estrada do lado esquerdo, abaixou-se e analisou a estrada, ainda dava para ver a poeira que fora levantada por algum veículo, mas o que nos impedia de prosseguir era que o lado direito também tinha levantado poeira.

Érica foi até o lado direito e olhou para a estrada. Foi voltando para o meu carro de olho na estrada, talvez fosse à tentativa de conciliar o mesmo rastro para saber para que lado eles fosse.

— E então? — perguntei.

— Eles conseguiram nos despistar! Que droga! Eles são espertos! Usaram o mesmo carro para nos despistar!

— E agora?

— Eu vou pedir reforço! Pedir para buscarem meu carro lá em frente ao galpão também. Só um minuto. — Érica saiu do carro novamente e pediu por reforço através de um aparelho.

Eu de novo, estava num beco sem saída. Como eu iria achar Ana agora? O local onde estava já não era mais o mesmo.

— Vamos voltar para a cidade. Eu vou olhar com mais atenção a todos os arquivos que você conseguiu me enviar. Como você conseguiu?

— Eu fui até o galpão porque o filho de Seu Evaristo me entregou antes de morrer. E quando eu cheguei, quase fui pego...

— Você quase foi morto. Estamos lidando com uma organização bastante organizada, e esse vacilo de hoje, talvez alguns irão pagar caro pelo erro.

— Talvez...

— Geralmente, esses casos não são à toa. Sempre tem algum olheiro por perto, analisando as mulheres. Analisando todos seus atributos. Alguém que nunca conseguiríamos adivinhar quem é. Não passa pela sua cabeça, nenhuma pessoa?

— Eu posso até fazer uma listagem, quem você desconfia?

— Teu amigo é um grande suspeito!

— Tem a Larissa, amiga dela!

— O que você ouviu dos bandidos? — Érica perguntou desviando o assunto.

— Bom, sei que o nome de um deles é Edgar! O mesmo nome de um fotógrafo que iria tirar fotos da agência.

— Isso! — Érica entusiasmou-se. — Vamos seguir esse caminho. O rapaz que iria tirar fotos, não era um fotógrafo, já era um deles. Um da quadrilha.

— Faz sentido. A agência me disse que era um fotógrafo novo.

— É completamente normal eles fazerem prestações de serviços com terceiro, sem ser necessariamente um funcionário da agência em si.

— Eu até andei olhando as redes sociais e achei um Edgar fotógrafo.

— Cadê? Vamos mostrar a foto desse rapaz que você tem para a agência. Eles irão reconhecer se for o fotógrafo novo.

XXXXXXXXXX

Logo que saímos da estrada de terra, voltamos para a cidade e fomos direto à agência onde Ana iria trabalhar.

O mesmo rapaz que me recepcionou outro dia veio ao nosso encontro. Érica se identificou mostrando o distintivo que sempre carregava consigo, e foi logo perguntando pelo responsável ou pela responsável. O rapaz nos levou até uma sala onde a mesma mulher que falara comigo sobre o trabalho de Ana no galpão estava.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou a mulher assim que nós nos sentamos em um sofá que tinha na sala.

— Eu preciso que você reconheça uma pessoa. E caso o reconheça, gostaria de algum contato. — Érica se pronunciou.

— Pois não. — disse a mulher. Érica fez o gesto com a cabeça para que eu mostrasse a foto da rede social.

— Você o conhece? — Érica perguntou enquanto estendia a minha mão para a mulher pegar o celular.

— Claro esse é o Edgar! O novo fotógrafo... — a mulher parou de falar e olhou para mim. — Você é o rapaz que veio aqui dias atrás para saber de Ana, não é?

— Sim!

— Era esse o fotógrafo que iria fotografá-la.

— Bom. Já sabemos que esse Edgar não é fotógrafo. — disse Érica.

— Espera! — disse a mulher. — Como assim? Então o caso de Ana começou por esse homem?

— Exatamente. Acreditamos que Ana tenha sido sequestrada por uma quadrilha de traficantes.

— Meu Deus! — a mulher ficou horrorizada. — Estivemos assinando contrato de serviço com um bandido?

— Por favor, pegue este contrato, queremos todos os dados que ele deixou por aqui. — pediu Érica.

— Claro! Claro! — a mulher pegou o telefone. — Rô! Por favor, me traga aquele contrato com o novo fotógrafo. Isso aquele mesmo.

— O que significa 'aquele mesmo'? — Érica perguntou o que eu também gostaria de saber naquele momento.

— Meu secretário quis confirmar se era o Edgar mesmo. Ele andou por aqui, conheceu todos da agência, firmou contrato com a gente, e o primeiro trabalho seria as fotos em um galpão justamente com a Ana.

— Certamente, ele devia estar na cola de Ana há algum tempo, e quando viu a oportunidade... — Érica deduziu.

— Certamente que sim, depois de todos esses fatos... — concluiu a mulher.

Logo, o rapaz de cabelos longos que nos atendeu trouxe uma pasta contendo alguns papéis dentro.

— Obrigada! — a mulher o agradeceu. — Aqui está! Foi esse contrato que ele assinou com a gente.

Érica pegou os documentos e começou a folheá-lo calmamente em busca de algo que pudesse nos levar ao paradeiro do bandido.

— Eu poderia ficar com uma cópia disso? — Érica perguntou.

— Sem problemas! — logo a mulher levou o contrato e fez uma cópia.

— Agradeço a compreensão e o tempo que gastou conosco. — disse Érica.

— Por nada! Qualquer coisa, estamos à disposição das investigações.

— A propósito. — Érica continuou. — Alguém da agência registrou o desaparecimento de Ana?

— Certamente que não. — a mulher disse com firmeza.

Sáímos da agência e nós fomos para dentro do meu carro, desta vez, eu ao volante. Érica folheava mais uma vez o contrato que Edgar assinou com a agência enquanto eu pensava no que João dissera sobre outros registros do sumiço de Ana.

— Aqui tem um endereço, número de telefone, e-mail, tem tudo. — Érica me informou.

— Quer ir até o endereço? — lancei a proposta, queria mais do que tudo encontrar Ana.

— Você está preparado para isso? — Érica estava agitada.

— Com certeza! — respondi por fim.

Capítulo 9

Fiquei observando a faixa da casa assim que chegamos. Uma casa que já tinha marcas registradas pelo tempo, diferente da casa de Ana que estava totalmente reformada. O bairro era mais um residencial da cidade, pouca movimentação, a não ser pelas crianças correndo e algumas mães chamando para repreendê-las.

Eu estava esperançoso de que alguma pista poderia ser encontrada na casa do meliante Edgar. E Érica, astuta como era, iria com certeza achar alguma pista que nos levasse até Ana.

— Vamos manter a calma. — Érica orientou enquanto se encaminhava para o pequeno portão e bateu palmas.

— Talvez não tenha ninguém. — eu disse.

— Vamos ver. — Érica chamou mais uma vez. E na segunda chamada, uma senhora veio nos atender.

— Pois não? — disse a senhora de óculos e cabelos brancos.

— É aqui que mora Edgar? — Érica perguntou.

— Sim, Edgar é meu neto! — a senhorinha respondeu. — Mas ele não está no momento.

— Com licença, a Senhora poderia vir até aqui? Gostaria de mostrar uma coisa! — Érica falou enquanto a vi pegando o distintivo.

— Pois não. — a senhora veio andando calmamente e ao chegar perto do portão, Érica mostrou seu distintivo.

— Eu sou da polícia e gostaria de entrar por um minuto. — Érica falou com firmeza. — Como a Senhora se chama?

— Alberta.

— Tudo bem! Dona Alberta, eu preciso verificar umas coisas com seu neto, por favor.

— Mas ele não está! — disse Dona Alberta ao abrir o portão.

— Não vamos demorar. — disse Érica entrando de repente. — Vamos Caio! Depressa! — eu a acompanhei rindo timidamente para Dona Alberta.

Érica apressadamente entrou na sala da casa, e foi direto para uma porta que tinha no lado direito. Não pude reparar bem na casa, mas era simples, com uma pequena mesa de centro no meio, com alguns porta-retratos. Neles, pude reconhecer Edgar e Dona Alberta juntos. Realmente era a casa dele ou da família dele.

— Caio! Veja isso aqui! — disse Érica dentro do quarto, eu acompanhei sua voz até chegar ao mesmo cômodo. Era um quarto grande, totalmente arrumado. — Conhece alguém nessa foto?

— Meu Deus! — foi o que eu disse quando peguei na foto. — Eu a conheço. — disse a Érica apontando para a foto. — Meu Deus.

— O que tem ela? Essa moça aí é a namorada do meu neto. — disse Dona Alberta ao entrar no quarto.

— Érica! Essa moça aqui é a Larissa, melhor amiga da Ana. — disse revelando que o perigo sempre esteve à nossa espreita.

— Mas o que tem ela? — quis saber Dona Alberta.

— Há quanto tempo seu neto namora esta mulher? — Érica perguntou a Dona Alberta.

— Ah, já faz muito tempo, não sei bem ao certo dizer. Mas o que tem ela Dona Policial? Ela é bandida?

— Não sabemos ainda Dona Alberta, mas estamos investigando, não se preocupe. Tudo vai ficar bem. Quando seu neto chegar, avisa pra ele que estamos procurando por ele.

— Eu sei onde ela mora! Ela mora uma rua atrás de onde Ana mora. — informei a Érica.

— Então é mais uma casa que teremos que ir... — disse Érica por fim.

— Mas Dona Policial, se realmente ela for bandida, preciso saber! Preciso alertar meu neto... — disse Dona Alberta bastante agitada.

— Calma Dona Alberta! — Érica pediu. — Não sabemos de nada ainda. Vai ficar tudo bem. Seu neto não corre risco nenhum. Quando ele chegar, pede para nos avisar. — Érica estendeu um pequeno cartão na qual Dona Alberta pegou.

— Pode deixar que ele falará com a polícia sim! Ele é um rapaz bom, honesto, sempre trabalhou, sempre trouxe comida para dentro desta casa. Sempre cuidou de mim.

— Tudo bem! Vamos lá Caio?

— Vamos. — e saímos em direção à porta. Despedimos de Dona Alberta e entramos no carro.

Eu não conseguia raciocinar direito. Será que Larissa estava envolvida esse tempo todo? Como pôde...?

— Ei. Sei que para você é difícil assimilar as coisas assim, mas tenha calma. Vamos resolver tudo isso. — Érica estava tentando me reconfortar.

— É demais para mim! Como é que Larissa namora um cara que está por trás de tudo isso? Será que é cúmplice? Será que ela está envolvida? E eu desconfiado de João...

— Espera um pouco. Ela pode estar junto como não pode. Não vamos sofrer por antecipação. Liga pra alguém da empresa onde você trabalha e veja se Larissa está lá.

— Vou ligar pro João e...

— João não! Liga para alguma secretária ou alguém do setor de Larissa. Não liga para o João não. — Érica ordenou.

— Tudo bem. — peguei meu celular e disquei o número da secretária do marketing. — Oi, aqui é o Caio do Financeiro, a Larissa está? — perguntei. Tive a resposta de que Larissa estava de folga. — A Larissa pode estar em casa, ela não está trabalhando hoje.

— Então vamos até lá.

XXXXXXXXXX

Passei em frente à casa de Ana, e estranhei ao ver uma grande faixa amarela que interditava a casa. Agora, ela estava sob o domínio da justiça.

— Sabe informar de quem era o sangue que tinha no andar de cima da casa da Ana? — perguntei ao lembrar o que tinha visto.

— Você já sabe mais do que deve por ser um civil. Você tem noção de que nem deveria estar aqui comigo não é? Então não faz perguntas...

Chegamos a frente à casa de Larissa, e logo após estacionar e descer do carro, toquei a campainha. A casa era diferente de Ana, ao invés do portão tampando toda a visão da casa, o de Larissa era diferente. Apenas um portão com altura até minha cintura, também tinha um jardim bem zelado.

— Oi Caio. — disse Larissa totalmente assustada em me ver a sua porta.

— Oi Larissa. Podemos conversar um pouco?

— Claro! Você tem notícias da Ana? Encontraram? João me deixou a par da situação...

— As investigações vão bem. — disse com Érica observando tudo.

Larissa veio até nós para abrir o portão. Rapidamente, Érica veio até meu ouvido direito e disse baixinho:

— Tenha cuidado! Acho que não estamos sós...

Acenei com a cabeça positivamente.

— Entrem, por favor! — anunciou Larissa ao abrir o portão. Passamos pelo portão e Larissa nos convidou para entrar.

— Vocês aceitam uma água? Um café? — Larissa disse com bastante cordialidade.

— Eu aceito um café. — disse. — Conheço bem seu café, é bom!

Eu e Érica ficamos sentados ao sofá de três lugares, a sala da casa de Larissa era bastante aconchegante, e eu já estava confortável ao contrário de Érica.

Érica fez um sinal com a mão e conseguiu minha atenção. Ao olhar para ela, Érica apontou para duas xícaras de café em cima da mesa de centro indicando que havia mais alguém na casa. Olhei assustado pensando na possibilidade de estarmos numa possível emboscada.

— Eu estou sentindo tanto a falta dela. — Larissa falou bem alto para que eu pudesse ouvi-la.

— Com certeza você deve ser a pessoa que mais sente falta dela! — respondi no mesmo volume. — Eu espero que tudo isso acabe logo e que ela possa voltar para a gente.

— Certeza. Estou chegando com os cafés, só um momento.

— Tudo bem. — Érica apontou para os olhos com o sinal de que eu ficasse atento a qualquer movimento suspeito.

Logo Larissa voltou com três xícaras de café, colocou a bandeja em cima da mesinha de centro e entregou uma xícara para cada.

— A vida não é justa! — disse Larissa tomando o primeiro gole.

— Posso te perguntar uma coisa? — comecei.

— Claro que sim.

— Você conhece algum Edgar? — o choque da minha pergunta foi perceptível até para mim que sou leigo em linguagem corporal. Érica fez um pequeno movimento ao notar a transformação no corpo de Larissa.

— Eu namoro um Edgar. — respondeu Larissa tentando não chamar atenção. — Mas porque dessa pergunta?

— Encontramos um Edgar que está foragido. Ele faz parte de uma quadrilha de traficantes de mulheres. — Érica começou a falar. — E quando nos deparamos com uma foto dele, conseguimos localizá-lo. Ou... Pelo menos a casa onde ele mora. — enquanto Érica falava, era literalmente visível o nervosismo em Larissa sendo erguido pelo seu corpo. — Acontece que conseguimos ir até a casa dele, e conversamos com Dona Alberta! A avó do rapaz que tanto procuramos. — Naquele minuto, Érica falava dramaticamente. — O interessante é que ao entrar na casa, nós vimos algumas fotos familiares, e em uma delas, estava você abraçada com ele. — Érica terminou dando um sorriso sarcástico. Pelo seu jeito, ela tinha plena certeza de que tinha capturado alguém da quadrilha. E esse alguém era Larissa.

Larissa, calmamente, deu mais um pequeno gole do café.

— Porque insistimos em jogar esse jogo, se já sabemos que partimos para o próximo estágio? — falou Larissa enigmaticamente.

Não tive muito tempo de pensar no que responder para aquela pergunta de Larissa. Como se fosse num relance, Larissa atirou a xícara que ainda tinha café para acertar em Érica. Já Érica, rapidamente, se pôs de pé, e conseguiu desviar da xícara voadora com o braço. Ao ver aquela cena, levantei depressa para interromper a briga que se iniciaria na minha frente.

Uma forte pancada senti na nuca. Alguém havia me acertado por trás covardemente. Caí feito uma pedra no chão enquanto escutava Larissa e Érica brigarem. Com a pancada, tentei levantar, mas o máximo que consegui, foi apenas virar. Ainda deitado, pude ver o rosto daquele que me acertou por trás: Edgar.

XXXXXXXXXXXX

Minha cabeça doía muito quando acordei. Estava confuso ainda, não sabia onde estava. Quando levantei a cabeça percebi que estava em um quarto com pouca iluminação.

Eu estava amarrado a uma cadeira, não conseguia mover meus braços e nem minhas pernas. Eu havia sido capturado pela quadrilha e Érica também. Nunca iria imaginar que Larissa estivesse por trás disso tudo. Ela vinha colhendo informações de Ana para os bandidos, vinha a estudando detalhadamente e como se ninguém percebesse, assinou a sentença naquele dia.

O que eles não esperavam era que eu estava atento a tudo. E percebi na mesma hora que Ana havia sumido e que fiquei no encalço deles a todo o momento. E ainda envolvi João, Érica... Eram tantas perguntas, tantos questionamentos...

Percebi que estava com a boca amordaçada. Eu não conseguia nem falar direito. Olhei em volta do quarto, e percebi que havia outra cadeira com cordas, mas não tinha ninguém.

De repente, a porta abriu e dois homens vinham carregando Érica desacordada, a colocaram na outra cadeira e amarraram-na da mesma forma como eu estava. Entrou um terceiro homem no quarto, e esse eu reconheci: Edgar.

— Sabe que esse tempo todo eu nunca entendi o motivo de você estar envolvido nessa história. — falou Edgar para mim, percebendo que eu estava acordado e atento a seus movimentos. — É notório essa sua ganância de achar aquela mulher que vocês trabalhavam juntos. Só fui entender que você estava atrás dela a todo custo quando Larissa veio e me disse que vocês haviam ficado na noite anterior de pegarmos Ana. O que você tem com aquela mulher? Qual seu objetivo no fim disso tudo? Resgatá-la e ser o super-herói da história? Você quer que ela te agradeça para resto da vida se chegar a salvá-la? Desista, meu caro! A essa altura, ela já pode estar na Europa, ou nos Estados Unidos... Ou até aqui mesmo no Brasil, quem sabe! Tem uns ricos que são loucos pelo perfil de mulher exatamente... Como ela é... — A cada pausa que Edgar fazia, ele dava um sorriso irônico e isso me despertava uma ira imensa.

Edgar veio até mim e tirou minha mordação.

— Nós te avisamos rapaz! Nós te avisamos para ficar longe. Para não se aproximar! Para seguir com sua vida, mas não... Você nos provou que é teimoso... Que envolveu a polícia e agora, aquela pobre policial vai sentir por todos os erros que você cometeu... Coitada! Ela é tão bonita... — Edgar continuou a falar arrogantemente.

— O que vocês querem afinal? — arrisquei a falar. Recebi um murro de Edgar que quase me desequilibrei da cadeira.

— Você ainda tem a audácia de falar comigo dessa forma? O que você acha que eu quero ou o que esses rapazes querem? O que todos nós queremos?... Queremos dinheiro, simples assim! Um artefato que move o mundo... Dinheiro! Dinheiro e sexo! Duas coisas

que move o mundo para melhor dizer. É um negócio muito rentável! Afinal, fazemos uns bons investimentos. Temos profissionais qualificados para ingressar no meio da sociedade e começar os planejamentos de quem poderia satisfazer o prazer de alguém pelo mundo. No fim, nós somos os mocinhos! Trabalhamos apenas para satisfazer o prazer! — Edgar foi até Érica que ainda estava desacordada. Levantou sua cabeça com apenas uma mão. Era extremamente irritante sua fala dramática. — Infelizmente essa aqui não viverá mais, amanhã mesmo estará dentro de uma vala qualquer com a boca cheia de formiga. Se fosse mais esperta, até entraria para o esquema, poderia facilitar nossa vida na polícia caso um de nós vá para a cadeia... Mas depois de tudo o que rolou...

— Vocês não sairão impunes a isso.

— Você não está em condições de nos ameaçar! — Edgar veio até mim novamente e tirou uma faca de caça de dentro do coldre na lateral. — Você ainda não faz ideia de como deve se comportar não é? Agora você sentirá o que nós podemos fazer.

Com apenas um movimento, Edgar levantou a faca com a mão direita e enfiou o objeto na minha coxa esquerda. Uma dor terrível invadiu meu corpo que não consegui evitar o grito. Edgar segurou minha boca com a mão para tampar meu grito de dor. Eu o olhei no fundo dos olhos, e ele sorria para mim.

— Isso foi por me ameaçar! Na próxima, pode ser que eu faça algo pior. — Edgar tirou a faca me dando mais um momento de grande dor e desespero. — Prendam alguma coisa na perna dele. Eu ainda não posso matá-lo. — os dois homens que assistiam a tudo, foram até mim, e com um pedaço de pano, amarraram com força na minha perna para segurar um pouco do sangramento.

Minha perna agora latejava de dor, e vez ou outra, eu olhava para Érica que ainda estava desacordada. Minha esperança é que ela tivesse alertado alguém da polícia antes de ser capturada. Agora além de Ana estar em perigo, eu também estava e não podia fazer mais nada.

Edgar saiu da sala e os homens foram juntos. Fiquei sozinho na sala.

— Érica! Érica! Por favor, acorda! — comecei a chamá-la insistentemente. Aos poucos ela foi despertando e se dando conta de que havia sido capturada. Ela olhou para mim rapidamente. — Calma! Calma! Sou eu! Sou eu! Fomos capturados!

Érica começou a se remexer na cadeira tentando se livrar das amarrações, mas não teve êxito. Tentei imitá-la para me livrar das cordas, mas minha perna ensanguentada fazia lembrar a dor imensa que sentia.

Comecei a mexer os braços que estavam amarrados para trás e tive a impressão de que com os movimentos que fazia, as cordas iam se afrouxando. Olhava para Érica, e ela também fazia os mesmos movimentos com os braços e as pernas também. Depois de um bom tempo tentando, Érica conseguiu livrar as pernas da corda e ficou de pé com a cadeira amarrada as suas costas. Ela andou um pouco até a porta, colocou o ouvido para tentar ouvir algo. Logo depois disso, ela foi até uma mesa que havia no quarto. Eu não tinha reparado naquele objeto. Nada havia em cima. Ela avistou uma janela de vidro, mas tampada por fora com madeira.

— O que você quer fazer? — perguntei ao ver o movimento dela. Érica balbuciou alguma coisa, mas não conseguia compreendê-la. Ouvimos um barulho vindo de fora, e rapidamente, Érica voltou ao seu lugar fingindo ainda estar desacordada.

— Aquele é um idiota! — um dos bandidos resmungou ao entrar. — Para quê bater na mulher tão forte assim, gente? Ela não vai acordar nunca! Será que ela ainda está viva?

Quando o homem se aproximou de Érica, rapidamente ela ficou em pé e girou a cadeira com toda velocidade que conseguia. Uma das pernas da cadeira, acertou em cheio o rosto do bandido. A cadeira quebrou e isso fez com que os braços de Érica fossem desamarrados. Rapidamente, Érica tirou a mordaça da boca e começou a revistar o homem que estava caído ao chão.

— Anda! Anda! Anda! — disse Érica procurando por algo.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Nos salvando! — ela respondeu rapidamente.

Érica achou uma faca em um dos bolsos do homem caído, e rapidamente terminou de se livrar de um pedaço de madeira que estava no braço e foi até mim. Rapidamente, ela cortou as cordas do braço esquerdo e do direito, depois cortou as cordas que amarravam as minhas pernas.

Assim, ficamos os dois livres dentro do quarto. Cada um segurando um pedaço de madeira na mão. Fomos andando cautelosamente até a porta e Érica a abriu. A porta dava acesso a outro quarto, nesse havia uns sofás e outras cadeiras, e mais uma porta adiante.

— Talvez a gente esteja dentro do covil dos bandidos. Pode ser uma construção longa, vamos ter cuidado. — Érica sussurrou para mim.

Passamos pelo segundo quarto e chegamos a um longo corredor que no fim, havia uma porta de ferro. Fomos andando cautelosamente até a porta de ferro.

Érica abriu a porta, e um dos capangas entrou no corredor, Érica acertou o pedaço de madeira na cabeça do bandido, ele ainda tentou agarrá-la, mas ela deu outro golpe que com a perna acertou a costela direita do rapaz. Tive a impressão de ouvir um estalo. O homem caiu no chão instantaneamente.

Passamos pela porta de ferro, e chegamos a um tipo de depósito. Havia algumas caixas espalhadas pelo chão. Prestei atenção que havia uma porta de madeira e um portão de correr.

— Vamos sair daqui! Vai lá para as correntes... Puxe-as que o portão vai correr para cima, eu seguro e você passa, você segura e eu passo. Certo?

— Ok. — confirmei a ideia correndo para as correntes que ficavam no canto esquerdo do depósito.

Comecei a puxar as correntes e o portão de correr começou a subir.

— Mais rápido! — disse Érica segurando a madeira e vigiando se alguém aparecia ou na porta de ferro que viemos ou na outra porta comum.

Puxei várias vezes, e a dor da minha coxa começou a latejar mais ainda. Comecei a pensar que era uma dor suportável e que logo eu conseguiria sair dali e ir atrás de Ana. A luz começou a entrar no depósito indicando que estávamos no caminho certo para sair dali.

BLAM!

Ouvi um barulho de tiro, tive um susto e parei de puxar a corrente. Apenas segurei. Olhei para Érica, e ela olhou para mim. Como em uma cena de um filme, Érica olhou para baixo e eu a acompanhei com o olhar. O disparo acertou em cheio na altura do coração.

— Nãããããããããããooooooooo! — gritei.

Érica colocou as duas mãos em cima do ferimento. Olhou para mim e caiu. O sangue começou a se espalhar pelo chão. Eu soltei as correntes e o portão voltou ao chão fazendo um estrondo enorme. Corri até Érica.

— Não! Não! Por favor! Você não pode morrer! — eu disse desesperado.

— Shhhh! — Érica fez o sinal de silêncio. — Corre! Salva sua vida! — sussurrou. Depois disso, Érica virou a cabeça um pouco e em um segundo, seu corpo relaxou. Érica não tinha mais vida.

Capítulo 10

Caio estava em uma sala confortável, estava no consultório da Doutora Clara, psicóloga. O ambiente era simples, porém aconchegante. Uma janela que mostrava um belo jardim no lado de fora, umas cortinas claras que estavam amarradas à janela.

Caio estava sentado numa poltrona marrom bastante confortável enquanto Clara estava à sua frente, em outra poltrona com um pequeno caderno em seu colo e uma caneta na mão direita.

— Depois que eu percebi que não podia fazer mais nada pra salvar Érica, eu saí do lado de seu corpo e corri para a outra porta que tinha. Quando atravessei um corredor que tinha, cheguei a uma cela enorme e foi ali que avistei Ana e mais três mulheres que tinham sido sequestradas. — Caio disse calmamente.

— E depois dali? — Clara queria saber o que havia acontecido.

— Bom! Depois de tudo isso, eu consegui achar uma saída e nós corremos dali em busca de ajuda. A polícia nos localizou, prenderam muita gente naquele dia... — Caio falava com o olhar para diversos lugares, menos para os olhos de Clara. — A polícia teve acesso a todas as informações que tinha conseguido para Érica... Eles descobriram muita coisa, conseguiram desfazer todo o esquema! Ainda fui condecorado pela minha coragem.

— Interessante. — Clara anotou mais alguma coisa no caderno.

— E foi isso que me aconteceu... Há uns 15 anos atrás... — Caio ainda falava com o olhar para baixo.

— E agora você está aqui! — continuou Clara.

— E agora estou aqui! Fazendo terapia com a senhora. — Caio riu timidamente para a psicóloga depois do comentário.

— Caio, você se sente confortável aqui? — Clara tirou os óculos que estava no rosto e pôs em sua mesa, bem em cima de algumas anotações que estava fazendo a respeito de seu paciente: Caio.

— Bastante, por sinal! — Caio estava calmo, porém estava confuso.

— Te passou na mente o motivo de eu sempre estar pedindo que me conte a sua história? Aliás, uma bela história.

— Eu fico curioso, já perdi a conta de quantas vezes tenho que te relatar a mesma história...

— Faz parte do seu acompanhamento... Caio. Vou te fazer outra pergunta... Você conhece a mitomania?

— Mito o quê?

— Mitomania. Já ouviu falar?

— Não. — Caio entrelaçou os dedos.

— Existe uma lei que julga ser crime mentir em juízo. — Clara começou balançando a mão enquanto falava dramaticamente. — Um dos dez mandamentos nos ensina a não mentir... Existe um ditado que diz que a mentira é uma bola de neve...

— A senhora está dizendo que estou mentindo? — Caio começou a ficar inquieto com a afirmação de Clara.

— Caio. Em alguns momentos da nossa vida, nós escolhemos faltar com a verdade ou mentir por alguma coisa ou alguém. Isso é um esforço que a gente tem a necessidade de fazer quando queremos demonstrar algum sentimento, ou não preocupar alguém ou simplesmente ser mais 'interessante' para aqueles que nos rodeia...

— Eu ainda não estou entendendo o rumo dessa nossa conversa. — Caio falou mais alto, dessa vez muito agitado.

— ... Mas ainda assim, a mentira está muito presente em nossas vidas pessoais, profissionais...

— Olha Doutora! Está até interessante saber disso, mas o que isso tem a ver comigo?

— Caio. A mitomania é uma condição doentia muito grave, porque por meio dela que a pessoa toma os rumos da vida, pois o indivíduo que mente com frequência, acaba criando sua própria fantasia, sua própria ficção e passa a acreditar fielmente com seu '*desconfiômetro*' quase que nulo negando o que realmente é, o que realmente sente e/ou pensa.

— Mas...

— As pessoas mitomaniacas geralmente tem autoestima baixíssima. Essas pessoas têm a necessidade de mentir sobre si mesmo para que as outras pessoas passem a pensar que elas são interessantes. Você tem uma história totalmente detalhada e calculada, e percebo que você faz um esforço enorme para criar e recriar sua história ou até mesmo engrandecer determinadas situações para que os outros pensem que você é um ser

interessante... Sobre o sequestro da Ana, sobre os fatos que se desenrolaram... Eu sinto muito em te dizer uma coisa... Essa história não existe Caio. Você é um mitomaníaco.

Caio congelou. Por um momento, ficou de olhos arregalados olhando fixamente para Clara.

— A senhora está dizendo que eu sou um mentiroso? Que eu inventei toda essa história de sequestro?

— Caio, eu te acompanho há um bom tempo. Eu sei que você está mentindo... É sobre isso! O que eu quero te mostrar aqui é apenas a realidade. A verdade para que você possa trabalhar em cima dela. Ninguém nasce com essa patologia. A pessoa vai adquirindo ao longo da vida por conta de situações que passa.

— Não! Não! Não! — Caio levantou-se da poltrona e começou a andar de um lado para o outro por trás do móvel.

— Calma. Nós sabemos que essa sua história, não é verdade. É muito difícil você ter uma cobrança tão grande em cima de si mesmo. Você acha que ninguém irá gostar de você por não ter nenhuma história mirabolante para contar. Por não ter nenhuma história 'boa', com bastante suspense, aventura... Nós temos que nos recordar sobre seu histórico de vida. Sua vida familiar, suas relações afetivas, ou possivelmente o medo do julgamento, o medo do que as pessoas irão pensar ou falar ao lembrar-se de você, ou seja, um conjunto de fatores que possam ter gerado essa sua condição.

— Como...? Como...? — Caio não conseguia falar. Ele estava numa mistura enorme de sentimentos que naquele momento parecia ser muito maior para ser suportável.

— A mentira não é uma doença, é algo doentio. Você acredita tanto na sua história que a torna real para sua vida gerando uma altíssima expectativa sobre si mesmo, sobre suas atitudes, sobre quem você deseja ser. E é aí que está o problema, fazendo isso, você se impede de encarar sua real situação, a sua real baixa autoestima...

— Doutora... A minha história...

— A intenção da mentira, é te deixar confortável com a própria vida. Como se você merecesse estar nessa posição de fantasia que você mesmo inventou.

— NÃO! — Caio gritou. Ele andou por mais vezes, e depois sentou. — A Senhora não faz ideia do que eu conquistei graças às outras pessoas saberem da minha história! — disse Caio chorando. — Antes, as pessoas não ligavam para mim. As pessoas simplesmente me ignoravam. Agora não... Agora elas me veem... Elas sabem quem é o Caio... Aquele que salvou a garota da quadrilha de traficantes...

— Vamos continuar com nossos encontros. Com esse processo psicoterapêutico. Assim teremos a possibilidade de modificar as crenças de valores, dosar as expectativas que você tem de si e da própria vida, aumentar a autoestima, a autoconfiança. Isso fará com que você se sinta seguro com suas qualidades e não se preocupe tanto em agradar aos demais trazendo algumas histórias.

— Mas Doutora... — Caio chorou. Chorou como nunca havia chorado na vida. Finalmente sua defesa estava desmoronando. Ele estava se sentindo frágil. — Eu não consigo... — sussurrou.

— Olha! Vamos por partes... Vamos identificar em quais situações você se sente mais vulnerável, situações que você se sente mais inadequado, ou mais inapto, pois são essas situações que te impulsionam a mentir. Vamos fazer um autoconhecimento.

Clara ficou quieta, deixando Caio pôr para fora toda essa sua angústia acumulada.

Clara tinha convicção de que se tratava de mitomania, começou a pesquisar quando Caio mencionava de sequestro e não encontrava nada sobre o caso, ainda mais quando houve assassinato de policial e etc. Clara também começou a pedir a Caio que repetisse a história diversas vezes e vários pontos não iam se fechando conforme Caio contava.

Uma pessoa mitomaniaca consegue descrever detalhadamente sua história mais magnífica, mais ‘marcante’ da vida, mas ao nível de Caio, sempre existiu alguns furos.

Clara conversou com parceiros que diagnosticaram pessoas mitomaniacas e presenciou que existem muitas pessoas assim, mesmo sem terapias e diagnósticos.

A mitomania quase sempre começa com uma mentira boba, que não traz grandes consequências na vida de ninguém. E a pessoa ao ver que se sente bem e não atinge negativamente o próximo, as mentiras vão aumentando gradativamente.

Geralmente a mitomania traz consigo uma autoestima inexistente, a pessoa mitomaniaca sente um vazio enorme dentro de si, na qual tenta se ‘*auto sabotar*’ para ser uma ‘pessoa melhor’. Essa pessoa busca algo relevante em sua vida e acrescenta ou muda algo para que as torne mais ‘interessantes’ para o próximo.

A pessoa mitomaniaca quase sempre se convence da própria história. Trazendo consigo emoções e reações por ser do jeito que são. É um processo enorme fazendo com que o cérebro seja malvado consigo mesmo.

E Clara conseguiu avaliar essa tipo de condição doentia em Caio conforme ele ia contando sua história. E agora, com a verdade lançada, Caio precisaria lidar com a situação.

— O que os outros vão achar de mim? — Caio perguntou a Clara na tentativa de se controlar depois de tanto chorar.

— Tudo é um processo. Você se conectará consigo mesmo. — Clara passou alguns procedimentos que Caio poderia fazer depois dali. — Caio. Eu não vou desistir de você. Não desista de si mesmo.

XXXXXXXXXX

— O nosso tempo de hoje acabou. Mas espero te encontrar novamente dentro de alguns dias. — Clara disse a Caio mais calmo.

Caio levantou-se e foi em direção a Clara. Abraçou-a em forma de agradecimento. E saiu vagarosamente da sala.

Abriu a porta do consultório e entrou na sala de espera. Um homem e uma mulher estavam sentados e olharam para Caio assim que ele apareceu. Caio despediu-se da secretária de Clara e depois, cumprimentou as duas pessoas que ali estavam.

O rapaz que estava na sala de espera entrou no consultório de Clara.

— Olá. Você é o Jonas, correto? — Clara perguntou assim que o rapaz entrou.

— Oi Doutora. Sou eu sim. Obrigado por me atender.

— Disponha. Vamos conversar então? — Clara disse indicando com a mão a poltrona para Jonas sentar.

— Vamos sim. Eu vim falar sobre Sophia!

XXXXXXXXXX

Caio estava andando calmamente pela calçada com as mãos dentro do bolso. Ele estava aliviado depois daquela sessão de terapia com Clara. Finalmente ele pôde ser verdadeiro com alguém naquele dia.

No fundo, Caio sabia que não existia sequestro nenhum, Ana nenhuma, João nenhum, Érica nenhuma, quadrilha nenhuma. E pela primeira vez em muito tempo, depois de a

verdade ser dita, ele começava a se sentir melhor internamente. Afinal, alguém saber de toda a verdade não era tão mal assim.

Epílogo

João chegou ao seu apartamento depois de mais um dia exaustivo de trabalho. Ele não via a hora de tomar aquela ducha e se esparramar na cama. E foi justamente isso que ele fez.

Depois daquele banho tomado, foi até seu quarto já vestido para dormir. Deitou na cama, e na mesa de cabeceira, pegou o controle remoto da TV e a ligou.

— Nesse momento recebemos uma denúncia de um possível sequestro! A polícia investiga o desaparecimento de uma funcionária da empresa de tecelagem... — disse o repórter na TV que fez João ficar assustado, pois se tratava da mesma empresa onde ele trabalhava. Ele sentou para ver melhor a notícia.

— Vizinhos relataram que ela chegou até sua casa há alguns dias com um rapaz, parece que houve um beijo e logo após isso, outro carro chegou, entrou na garagem da casa e saiu. Desde então a mulher que se chama Ana não foi mais vista.

João ficou espantado com a notícia.